

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

**AMÁLIA CHAVES PALOMINO**

**MUSEUS UNIVERSITÁRIOS: UMA ANÁLISE DO MUSEU DE  
GEOCIÊNCIAS E MUSEU DE ANATOMIA HUMANA DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Brasília - DF

2015

AMÁLIA CHAVES PALOMINO

**MUSEUS UNIVERSITÁRIOS: UMA ANÁLISE DO MUSEU DE  
GEOCIÊNCIAS E MUSEU DE ANATOMIA HUMANA DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação  
em Museologia da Faculdade de  
Ciência da Informação da  
Universidade de Brasília como parte  
dos requisitos parciais para a  
obtenção do grau de Bacharelado em  
Museologia.

Orientadora: Ms. Deborah Silva  
Santos

Brasília – DF

2015

P181m Palomino, Amália Chaves

Museus universitários: uma análise do Museu de Geociência e Museu de Anatomia Humanada Universidade de Brasília / Amália Chaves Palomino. – Brasília, 2015.

70f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2015.

Orientadora: Ms. Deborah Silva Santos

1. Museu universitário. 2. Museu de Geociências. 3. Museu de Anatomia. 4. Universidade de Brasília. 5. Expografia. I. Palomino, Amália Chaves. II. Universidade de Brasília. Faculdade de Ciência da Informação. Graduação em Museologia. III. Título.

CDU



## FOLHA DE APROVAÇÃO

### **"Museus Universitários: uma análise do Museu de Geociências e Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília"**

Aluna: Amália Chaves Palomino

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

#### **Banca Examinadora:**

Aprovada por:

Orientadora:

**Deborah Silva Santos – Orientadora**  
**Professora do Curso de Museologia – FCI/UnB**  
**Mestre em História – PUC - SP**

Membro:

**Silmara Küster de Paula Carvalho – Membro**  
**Professora do Curso de Museologia – FCI/UnB**  
**Mestre em Tecnologia – UTPP - PR**

Membro:

**Marijara Souza Queiroz – Membro**  
**Professora do Curso de Museologia – FCI/UnB (UnB)**  
**Mestre em Artes Visuais - UFBA**

Brasília-DF, 10 de julho de 2015.

“não basta um museu para a Universidade; é preciso um museu que atinja toda a sociedade pela Universidade”.

Ulpiano Bezerra de Menezes

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe, Gislene e minha irmã Clarissa por todo apoio, paciência e atenção nesses anos.

Agradeço a Priscila Ribeiro que foi uma amiga, irmã e por ter me incentivado e apoiado durante todo o curso.

Aos amigos Amanda Chaves, Thomas Nizio, Nina de Deus, Julia Carrari, Isabela Curvo e Anna Paula da Silva pela amizade, paciência, ajuda e motivação.

Aos amigos “Tevez” pela consideração neste momento.

As amigas Paloma Medeiros e Natália Ribeiro pelo apoio e momentos de descontração.

A todos os docentes do curso de Museologia por me mostrar como a Museologia e a vida podem ser desafiadoras. Em especial a professora Ana Lucia Abreu pelo conselho para chegar ao tema deste trabalho.

À professora Deborah pela grande paciência, incentivo e orientação.

Por fim, agradeço as forças superiores por me guiarem até aqui.

## RESUMO

A presente pesquisa faz uma avaliação dos Museus Universitários da Universidade de Brasília, entre os anos de 1962 e 2015. E verifica a partir da análise da exposição do Museu de Geociências – MGeo e do Museu de Anatomia Humana – MAH o enquadramento as definições de museus universitários contemporâneos.

**Palavras-chave:** Museu universitário; Museu de Geociências; Museu de Anatomia; Universidade de Brasília; Expografia.

## **ABSTRACT**

This research makes an assessment of University Museums of the Universidade de Brasilia, between the years 1962 and 2015. And checks from the analysis of the exposure of Museu de Geociências - MGeo and the Museu de Anatomia Humana - MAH framing the university museums settings contemporary.

**Keywords:** UniversityMuseum; Museu de Geociências; Museu de Anatomia; Universidade de Brasília; Expography.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Museus fundados até o ano de 1900 no Brasil.....	21
<b>Figura 2</b> – Estrutura da Universidade de Brasília.....	24
<b>Figura 3</b> – Exposição Gemas: Do bruto ao belo.....	37
<b>Figura 4</b> – Exposição Classificação Sistemática de Minerais. ....	38
<b>Figura 5</b> – Exposição de Paleontologia .....	39
<b>Figura 6</b> – Planta baixa área de morfologia da Faculdade de Medicina.....	41
<b>Figura 7</b> –Exposição Museu de Anatomia Humana da UnB e a Interação com a Sociedade .	43
<b>Figura 8</b> – Exposição “Educação em saúde e cidadania” .....	43
<b>Figura 9</b> – Corpos tetralógicos, corpos biológicos e monstros.....	44
<b>Figura 10</b> – Museu Virtual de Anatomia Humana .....	44
<b>Figura 11</b> – Exposição Corpos tetralógicos, corpos biológicos e monstros .....	45
<b>Figura 12</b> – Exemplos de wayfinding, Adaptado de Cossio (2011).....	47

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BCE -Biblioteca Central

CAL - Cultura da América Latina

CDI – Centro de Documentação e Informação

CEUE- Centro de Estudantes Universitários de Engenharia

CNE/CES - Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DAC - Decanato de Assuntos Comunitários

DEA - Diretoria de Esporte, Arte e Cultura

DAN/ICS - Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais

DEX - Decanato de Extensão

FCI - Faculdade de Ciência da Informação

FM - Faculdade de Medicina

FUB - Fundação Universidade de Brasília

HIS/IH - Departamento de História do Instituto de Humanidades

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus

ICC - Instituto Central de Ciências

ICOM - Conselho Internacional de Museus

IFLA - Federação Internacional de Associações de Bibliotecas

IQ - Instituto de Química

JK - Juscelino Kubitschek

LPEq- Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química

MAH - Museu de Anatomia Humana

MAST- Museu de Astronomia e Ciências Afins

MAV - Museu de Anatomia Veterinária

MCTI- Ministério da Ciência e da Tecnologia e Inovação

MGeo- Museu de Geociências

MUHNAC- Museu Nacional de História Natural e Ciência

PEAC - Projetos e Programas de Extensão de Ação Contínua

REUNI - Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UFRGS- Universidade do Rio Grande do Sul

UnB- Universidade de Brasília

UMAC - Comitê Internacional de Museus e Coleções Universitárias

MEC - Ministério da Educação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

USP - Universidade de São Paulo

VIS/IdA- Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>Capítulo 1 – Museu e Universidade – Relações entrelaçadas</b> .....	16
1.1 Museus no Brasil .....	18
1.2 Museus Universitários – Um diálogo com a museologia.....	22
<b>Capítulo 2 – Universidade de Brasília, Museus e Museologia</b> .....	25
2.1 Curso de Bacharelado em Museologia .....	27
2.2 Museus da Universidade de Brasília .....	29
<b>Capítulo 3 – Museus de Geociências e Museus de Anatomia Humana da UnB</b> .....	37
3.1 Museu de Geociências – MGeo/UnB .....	37
3.2 Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília.....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	53
<b>ANEXOS</b> .....	55

## APRESENTAÇÃO

Os Museus Universitários são instituições definidas “por estar parcial ou totalmente sob a responsabilidade de uma universidade – salvaguarda do acervo, recursos humanos e espaço físico” (ALMEIDA, 2001, p.10), ou seja, os museus estão sob a proteção da universidade para a sua total subsistência. Segundo Marques e Silva (2011) o Museu Universitário é aquela unidade vinculada à universidade que contempla todas as características definidas para um museu pelo *International Council of Museums*- ICOM<sup>1</sup>.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, no seu artigo 207, designa que, “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988). Os museus estão inseridos no princípio da extensão que atualmente é o apoio mais favorável aos museus universitários (RIBEIRO, 2013). Segundo Carvalho:

A extensão é a faceta mais recente das universidades. Enquanto o ensino e a pesquisa estão na base do seu surgimento, ainda na Idade Média, a extensão é uma criação da universidade moderna, surgida apenas em 1808, na Alemanha, e nas universidades populares, também surgidas no século XIX, com a função de disseminar os saberes técnicos (CARVALHO, 2011, p. 19).

Os museus na Universidade de Brasília – UnB estão sob a sua responsabilidade, através do Decanato de Extensão (DEX), mas não é ele que os gesta. Ele designa recursos financeiros aos projetos propostos pelas Unidades Acadêmicas, Departamentos e/ou Institutos, normalmente o dinheiro é convertido para compra de materiais, pagamento de bolsas a estagiários e montagem de exposições.

A pesquisa de campo feita para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consistiu em visitas as instituições museológicas da UnB. O objetivo era a coleta de dados sobre os Museus Universitários da universidade e com esses dados coletados auxiliar no diagnóstico de quais instituições se adequavam as

---

<sup>1</sup>Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade. (ICOM, 2001)

definições de museus e do principal, museus universitários. O questionário em questão foi retirado da tese de doutorado “Museus e Coleções Universitárias: Por quê Museus de Arte na Universidade de São Paulo” de Adriana Almeida (ANEXO A).

A aplicação deste questionário foi bastante dificultosa, pois ao pedir uma reunião para a resposta do mesmo o pedido muitas vezes era ignorado. Apenas a coordenadora, Renata Razuck do LEPq se disponibilizou a responde-lo por completo e foi através desta a visita que fui informada da existência do “Projeto Tour no Campus” que:

É um projeto que proporciona o acesso normatizado ao Campus buscando levar os alunos do ensino médio e fundamental (redes pública e particular) ao conhecimento das atividades acadêmicas da Universidade de Brasília através de uma visita previamente agendada.(DEA/UNB, 2015)

Durante a pesquisa também foi encontrado outro projeto o “Rede de Museus e Espaços de Ciência da UnB”, criado em 2005, pelo professor Paulo Salles. Fazem parte dessa rede, dez museus e coleções da universidade. No Capítulo 2 apresento mais detalhes sobre a rede e a visita por eles programada.

O objetivo desta pesquisa foi analisar os Museus Universitários da Universidade de Brasília, entre 1962 e 2015, verificando seu enquadramento com as definições de Museus Universitários atuais, para isso nos detivemos na expografia de dois museus, o Museu de Geociências – MGeo e o Museu de Anatomia Humana – MAH. Esses dois museus foram escolhidos por terem maior destaque dentro e fora do Campus Darcy Ribeiro (tem referencia) e também por se aproximarem aos requisitos básicos de um museu, possuir reserva técnica, recursos para exposições, profissionais para a salvaguarda do acervo.

A metodologia utilizada incluiu a leitura de bibliografia sobre museus universitários e visitas aos museus que consistiam em observações e análise dos espaços expográficos dos Museu de Geociências e Museu de Anatomia Humana.

Assim, no capítulo 1 faremos um breve histórico da origem do museu, da sua relação com a universidade e apresentaremos a definição de museus universitários pela museologia.

No capítulo 2 nos dedicaremos a analisar como a Universidade de Brasília concebeu os museus e o curso de Museologia em sua estrutura desde sua criação. Desta forma apresentaremos as várias iniciativas museológicas da universidade, como os projetos Rede de Museus e Espaços de Ciências e o Projeto Tour no Campus. E também os projetos extramuros em desenvolvimento com o Governo do Distrito Federal como o Museu de Ciência e Tecnologia de Brasília e o Museu de Educação do Distrito Federal.

No capítulo 3 analisaremos detalhadamente os dois museus de ciência mais conhecidos da Universidade, o Museu de Anatomia Humana e o de Geociências, a partir dos seus espaços expositivos.

Por fim nas Considerações Finais apresento a minha conclusão sobre o caso estudado, a constatação que a Universidade de Brasília possui no mínimo dois museus universitário o MGeo e o MAH, por sua concepção, características e prestação de serviço a comunidade.

## Capítulo 1 - Museu e Universidades – Relações entrelaçadas.

O surgimento dos museus está ligado a três feições (CASTRO, 1995, p. 15), o Mito das Musas, o *museum* de Alexandria e ao colecionismo. A respeito do Mito das Musas, Julião (2002, p.1) diz:

A palavra museu origina-se na Grécia antiga. *Mouseion* denominava o templo das nove musas, ligadas a diferentes ramos das artes e das ciências, filhas de Zeus com Mnemosine, divindade da memória. Esses templos não se destinavam a reunir coleções para a fruição dos homens; eram locais reservados à contemplação e aos estudos científicos, literários e artísticos. A noção contemporânea de museu, embora esteja associada à arte, ciência e memória, como na antiguidade, adquiriu novos significados ao longo da história. (JULIÃO, 2002)

Sobre *omuseum* de Alexandria destacava-se por suas coleções de objetos e livros, laboratórios, observatório, herbário e zoológico tudo isso para que os pensadores, sustentados pelos reis da época, pudessem se dedicar a pesquisa. Segundo Almeida (2001), ele nasceu como uma instituição do Estado, com função política de testemunhar a continuidade entre o novo reino com o antigo império. As atividades do *museum* foram historicamente divididas em diferentes instituições: as universidades realizam o ensino superior; bibliotecas guardam as fontes escritas e os museus preservam os objetos. O início das universidades, no século XIV, e do seu *campus* universitário, é a “condição para a salvaguarda de coleções e a criação de museus universitários.” (ALMEIDA 2001, p. 12).

É necessário explicar que há também as coleções didáticas que são coleções originadas nas universidades que auxiliam o ensino de disciplinas. Um exemplo são os *theatrum anatomicus*<sup>2</sup>, que segundo Gil (2005) é o início de coleções ligadas ao ensino e investigação em áreas como a Medicina e História Natural. Os propósitos iniciais dessas coleções eram/são para o auxílio do ensino, não sendo pensadas com o intuito de se transformarem em museus.

A terceira feição, o Colecionismo, liga-se ao ato de colecionar, resultante das suntuosas coleções de famílias abastadas e nobres do início do século XV que com o advento do Renascimento e as expansões marítimas aumentaram o número de objetos oriundos dos continentes asiático e americano. Algumas dessas coleções

---

<sup>2</sup>Em Bolanha, por volta de 1316 eram comuns dissecações públicas, assim como, em Leiden na Holanda, centenas de curiosos, ao tocar os sinos da igreja, iam assistir dissecações.



denominadas de Gabinetes de Curiosidades deram início a instituições museológicas ou tornaram-se parte do acervo de algum museu.

Esse é o caso do *AshmoleanMuseum* de Oxford, cuja coleção foi criada por Elias Ashmole a partir de objetos que despertavam sua curiosidade, a gama de objetos ia desde artefatos incomuns, a retratos históricos de monarcas, escritores e artistas. Após sua morte, em 1672, ela foi doada a Universidade de Oxford que criou o museu considerado o primeiro museu universitário, ligado a uma universidade, inaugurado em 1693. (LOURENÇO, 2004)

Segundo Lourenço (2004), o *AshmoleanMuseum* abriu suas portas ao público doze anos após as universidades da Europa apresentarem coleções como, por exemplo, as coleções de Ulisse Aldrovandi e de Ferdinando Cospi, dois grandes naturalistas de Bolonha, Itália, foram expostas em 1617 no Palazzo Pubblico de Bolonha. Em 1662 a coleção do gabinete de curiosidades de Basilius Amerbach foi adquirida e doada a Universidade de Basel, sendo aberta ao público em 1671. A Universidade de Bolonha, Universidade de Basel, Universidade de Copenhague, Universidade de Leiden na Holanda, já haviam criado ou estavam construindo seus jardins botânicos, *theatrum anatomicum* anos antes da inauguração do *Ashmolean*.zs

O interesse científico aflorado pelos Gabinetes de Curiosidades aumentou significativamente as expedições para as colônias nas Américas, África e Ásia ao final do século XVIII em busca de objetos da fauna e flora. Os países como Portugal, organizavam expedições chamadas “Viagens Filosóficas” a suas colônias, tais como, Cabo Verde, Moçambique, Angola e Brasil, com a finalidade de enriquecer os acervos do Museu de Coimbra e do Museu Real da Ajuda (GIL, 2005 p.42).

Ao mesmo tempo em que os museus de História Natural se enriqueciam, os Jardins Botânicos e Zoológicos foram sendo criados em Portugal e por toda Europa. No Brasil, assim como em outras colônias criavam-se condições para que as Metrôpoles fossem abastecidas, como exemplo, a “Casa dos Pássaros” ou “Casa de História Natural”, criada em 1784 que “por mais de vinte anos

coleccionou, armazenou e preparou produtos naturais e adornos indígenas para enviar a Lisboa.” (LOPES, 2009, p.26).

A criação dessas instituições por toda a Europa influenciariam suas colônias anos mais tarde a criarem seus próprios museus, jardins botânicos e outras instituições de cultura e ciência.

### **1.1 Museus no Brasil**

A história dos museus no Brasil começa com a vinda de D. João VI para o Brasil e a criação do Museu Real em 1818. O acervo inicial consistia de uma pequena coleção de história natural doada pelo próprio rei<sup>3</sup>. O Museu Real, hoje Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro situa-se na antiga residência da Família Real, no Paço de São Cristóvão desde 1892, em seus primeiros anos por não ter recursos ou pesquisa seu desenvolvimento foi lento. Ganhou nova estrutura e notoriedade a partir das administrações de Ladislau Netto (1874-1893) e Batista Lacerda (1895-1915) (SCHWARCZ, 2005; JULIAO,2006).

Em 1876, foi criada a revista *Archivos do Museu Real*, que se tornou um importante veículo de comunicação entre a instituição e o mundo. O museu ganhou um caráter científico se destacando como um museu de Ciências Naturais voltado para a zoologia, botânica e geologia. Hoje faz parte da estrutura acadêmica (ensino, pesquisa e extensão) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) promovendo a produção científica e o compartilhamento da memória com a sociedade.

Apesar de tornar-se museu apenas em 1871, o Museu Paraense, hoje Museu Paraense Emílio Goeldi, teve início como a Associação Filomática (LOPES, 2009, p. 204) em 1866<sup>4</sup> que tinha por objetivo estudar a fauna e flora local e auxiliar viajantes, muitos estrangeiros, em suas expedições naturalistas muito em voga no período. Domingos Soares Ferreira Penna<sup>5</sup> presidia a Associação e foi nomeado diretor do museu após decreto do governo do estado.

---

<sup>3</sup> JULIAO, 2006, p.19

<sup>4</sup> SCHWARCZ, 2005, p. 131

<sup>5</sup> Naturalista viajante do Museu Nacional, antes de se instalar em Belém e torna-se membro da Associação Filomática.

As coleções que iniciaram o acervo do Museu Paraense eram fruto de coletas da Associação, de doações do então diretor do Museu Nacional, Charles Hartt, e das pesquisas feitas ao longo dos anos pelo museu. Após vários anos de dificuldades e perda de grande parte de sua coleção o museu foi praticamente extinto, sendo, completamente reorganizado em 1891(LOPES, 2009 p.207). O governador Lauro Sodré, em 1894, contratou o naturalista suíço Emilio Goeldi, que teve como missão transformar o Museu Paraense em um grande centro de pesquisa amazônica.

Com uma nova estrutura voltada aos museus de História Natural e uma equipe com cientistas e técnicos, Emilio Goeldi criou o Parque Zoobotânico em 1895, que abriga diversas espécies da fauna e flora da região aberto para estudo e o lazer da população. Em 1896, começou a publicação do Boletim do Museu Paraense. A equipe do Museu foi responsável por coletas importantes para a formação de coleções em botânica, geologia, zoologia e etnografia da Amazônia e também foi responsável pelo levantamento que tornou o estado do Amapá pertencente ao Brasil, em 1900. O Museu ganhou visibilidade internacional ainda no início do século XX, desenvolvendo pesquisas nas áreas de geografia, geologia, climatologia, agricultura, fauna, flora, arqueologia, etnologia e museologia.

Atualmente o Museu Paraense Emílio Goeldi é um centro de referência internacional, está vinculado diretamente ao Ministério de Ciência e Tecnologia e Inovação - MCTI e conta com três espaços físicos distribuídos pela cidade de Belém e proximidades. A Instituição não está vinculada a nenhuma universidade federal ou estadual, mas oferece programas de pós-graduação. A pesquisa museológica é desenvolvida no prédio mais antigo, localizado no Parque Zoobotânico, onde ocorrem diversas exposições. O parque é uma das áreas de lazer mais importantes de Belém, gerando pesquisas em Museologia e Educação.

A história do Museu do Ipiranga ou Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP)- terceiro museu do século XIX começa em 1824, com o pedido do Presidente da Província de São Paulo, Lucas Antonio Monteiro de Barros de doações para a construção do edifício em memória a Independência do Brasil. Apenas em 1885 as obras foram iniciadas, e mesmo a elite local não vendo sentido prático para tal centro (SCHWARZ, 2005), as obras foram finalizadas em

1890. Em 1893, o Museu recebe a coleção de Joaquim Sertório<sup>6</sup>, constituída por objetos indígenas, mobiliário, espécimes de História Natural e jornais, sendo o museu inaugurado em 7 de setembro de 1895. O zoólogo Hermann von Ihering, primeiro diretor do museu, adaptou suas instalações segundo o modelo dos grandes centros europeus, além de iniciar a publicação da Revista do Museu Paulista. As pesquisas realizadas no Museu paulista neste período eram focadas nas áreas de História e Ciências Naturais.

Hoje o museu pertence à Universidade de São Paulo (USP) oferecendo cursos de pós-graduação em História e Museologia. O Museu Paulista da USP atualmente tem como destaque a história do Estado de São Paulo, assim como, a história do Brasil no período da Independência. Encontra-se fechado para obras<sup>7</sup> desde 2013, mas conta com uma agenda de atividades que envolvem um diagnóstico para a preservação da fachada, salvaguarda do acervo e a sustentação do forro, além de um plano de expansão.

Ao final do século XIX, os museus brasileiros eram os espaços de ensino e ciência do país, voltados a História Natural e de Ciências Naturais, pois não havia de fato Universidades que disponibilizavam o estudo do ensino superior. Segundo Lopes (2009) o Museu Nacional “já atuava como centro irradiador e de apoio às atividades de ensino de Ciências Naturais” ao disponibilizar suas coleções, salas, laboratórios, instrumentos e professores para o ensino da Escola Militar do Rio de Janeiro, das Escolas Normais da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e da Faculdade de Medicina, além de cursos como os de Química e Medicina Legal do Colégio Pedro II. (LOPES, 2009, p. 329)

Mesmo ao tentar espelhar-se ou até copiar o modelo dos museus internacionais da época, os museus brasileiros, Museu Nacional, Museu Paulista e Museu Paraense Emílio Goeldi mostraram ao desempenhar funções de centros de pesquisa, o caráter de repositórios de objetos e especializando-se em áreas da História e Ciências Naturais (LOPES, 2009).

---

<sup>6</sup> Rico comerciante local que colecionava objetos de História Natural, com uma das mais ricas coleções da época.

<sup>7</sup> O Museu está fechado para obras desde 2013 com previsão de reabertura em 2022.

Para Lopes<sup>8</sup> (2009) a especialização das Ciências Naturais levou a constituição de novos espaços deslocando os centros de pesquisas dos museus para os laboratórios altamente tecnológicos. Esses laboratórios hoje se voltam aos museus e centros de ciências para divulgarem os resultados obtidos, creditando a esses locais o caráter divulgador e educativo para difundir a Ciência.

Vale ressaltar que existem diferenças entre museu de ciência e centro de ciência conforme nos informa Loureiro:

O museu de ciência se diferencia do centro de ciência em virtude de sua configuração como instituição voltada à preservação, gestão e difusão da história, produtos e influências socioculturais da ciência. Nesse sentido, o museu de ciência configura-se ainda, principalmente por meio da exposição museológica, como instrumento de divulgação científica (LOUREIRO, 2003, p.89-90).

As divulgações dos resultados das pesquisas são feitas nos museus através das exposições que, segundo Cury, (2005) nada mais são que uma forma de mediação, uma mediação construída entre a pesquisa e, o museu; o objeto e o público, formando a comunicação necessária entre os pesquisadores de museus com o público.

Através de exposições elaboradas por equipes multidisciplinares, os museus transmitem o conhecimento alcançado pelas pesquisas produzidas em espaços formais, como laboratórios e universidades, onde o acesso é negado ou limitado para o público comum.

No quadro a seguir (fig. 1) podemos ver os primeiros museus do Brasil registrados fundados até o ano 1900. Nele se encontram além dos museus aqui descritos como o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, fundado em 1808; o Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Rio de Janeiro em 1838; Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto em 1876; Museu de Numismática Bernardo Ramos, Manaus em 1900.

---

<sup>8</sup> Ver LOPES, As ciências dos museus e história das ciências no Brasil- uma visão institucional. p. 24

**QUADRO 1 - MUSEUS CADASTRADOS QUE FORAM FUNDADOS ATÉ O ANO DE 1900, BRASIL, 2010**

NOME DO MUSEU	CIDADE	UF	ANO DE CRIAÇÃO
Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	RJ	1808
Museu Nacional	Rio de Janeiro	RJ	1818
Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Rio de Janeiro	RJ	1838
Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambucano	Recife	PE	1862
Museu Paraense Emilio Goeldi	Belém	PA	1866
Museu Naval	Rio de Janeiro	RJ	1868
Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas	Maceió	AL	1869
Museu Paranaense	Curitiba	PR	1874
Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto	Ouro Preto	MG	1876
Museu Inaldo de Lyra Neves - Manta	Rio de Janeiro	RJ	1889
Museu de Numismática Bernardo Ramos	Manaus	AM	1900

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

**Figura 1** Museus fundados até o ano de 1900 no Brasil

## 1.2 Museus Universitários – Um diálogo com a Museologia

Os Museus Universitários são instituições sob a proteção da universidade para a sua total subsistência. Segundo Marques e Silva (2011) contemplam todas as características definidas para um museu pelo ICOM - *International Council of Museums*, portanto:

uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade. (ICOM, 2001)

O ICOM através do seu Comitê Internacional para museus universitários o UMAC - *University Museums and Collections*, apresenta em sua Resolução<sup>9</sup> de 14 de agosto de 2013 (Rio de Janeiro) que tanto os museus universitários como as coleções desenvolvidas pelas universidades são internacionalmente uma parte importante da universidade e do patrimônio mundial (UMAC-ICOM, 2013). Assim essas coleções são insubstituíveis não podendo ser descartadas após o seu

<sup>9</sup>Resolução UMAC em coleções universitárias (2013) disponível em: <<http://publicus.culture.hu-berlin.de/umac/otherdocuments>> Acesso em 26 jun. 2015

uso, e as universidades devem proporcionar ativos financeiros a essas coleções a fim de atender suas necessidades de preservação e conservação nas diversas áreas.

Museus Universitários e Coleções Universitárias são diferenciados por Marques e Silva:

Coleção Universitária seria uma unidade com ações mais restritas, que embora adquira, conserve e pesquise não se preocupa em divulgar e/ou expor o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio ambiente ou o faz de forma parcial. Normalmente é limitada a consulta de pesquisadores e não tem fins de lazer. Aquelas coleções que são mantidas para fins de estudos dos estudantes universitários são denominadas Coleções Didáticas<sup>10</sup>. (MARQUES E SILVA, 2011, p. 67)

As visitas as Coleções Universitárias e os núcleos de pesquisa normalmente são feitas por pesquisadores e estudantes de graduação ou pós-graduação, visitas do público comum muitas vezes não são permitidas ou são restritas.

Martins<sup>11</sup> (1988) recorda que não são apenas museus as instituições que conservam coleções, nesse caso as zoológicas, produzem pesquisa científica com fundamento neste acervo; formam e/ou preparam pessoal especializado e veiculam cultura à população. Para o autor, no Brasil, entre essas instituições com diversas naturezas, são os núcleos de pesquisas zoológicas, em sua maioria, estabelecidos em departamentos e institutos das universidades, cujas coleções não podem ser rotuladas como museus. Os núcleos de pesquisas podem ser vistos pela museologia como coleções universitárias e /ou didáticas, sendo assim elas são geridas de outra maneira.

A grande diferença entre eles é como são geridos. Os museus são geralmente representados por um diretor e as coleções por um representante do departamento. A agilidade na tomada de decisões é afetada pelos entraves e burocracias: o diretor reporta-se diretamente ao Reitor enquanto entre o Departamento e a Reitoria existem conselhos, chefias, congregações e Pró-Reitorias ou Decanatos.

---

<sup>10</sup> Coleções Didáticas também são chamadas de Coleções de Ensino.

<sup>11</sup> Então membro do Museu de Zoologia da USP

Almeida (2001) afirma que os museus universitários, como instituição têm vários requisitos a serem preenchidos: como espaço físico adequado para as coleções (reserva técnica), pessoal qualificado que garanta a salvaguarda das mesmas (museólogos, conservadores e restauradores), sem esquecer-se da verba para as exposições museológicas e pesquisas. E ainda têm de cumprir o objetivo de abrigar/formar coleções significativas para o desenvolvimento de pesquisa (ensino e extensão), no caso dos museus universitários, que a partir do acervo, mantêm disciplinas que valorizem as coleções e as pesquisas sobre as coleções; propor programas de extensão como cursos, exposições, atividades culturais e atividades educativas baseados na pesquisa e no acervo; manter programas voltados para os diferentes públicos (especializado, universitário, escolar, espontâneo) levando em consideração a disponibilidade de coleções.(ALMEIDA, 2001)

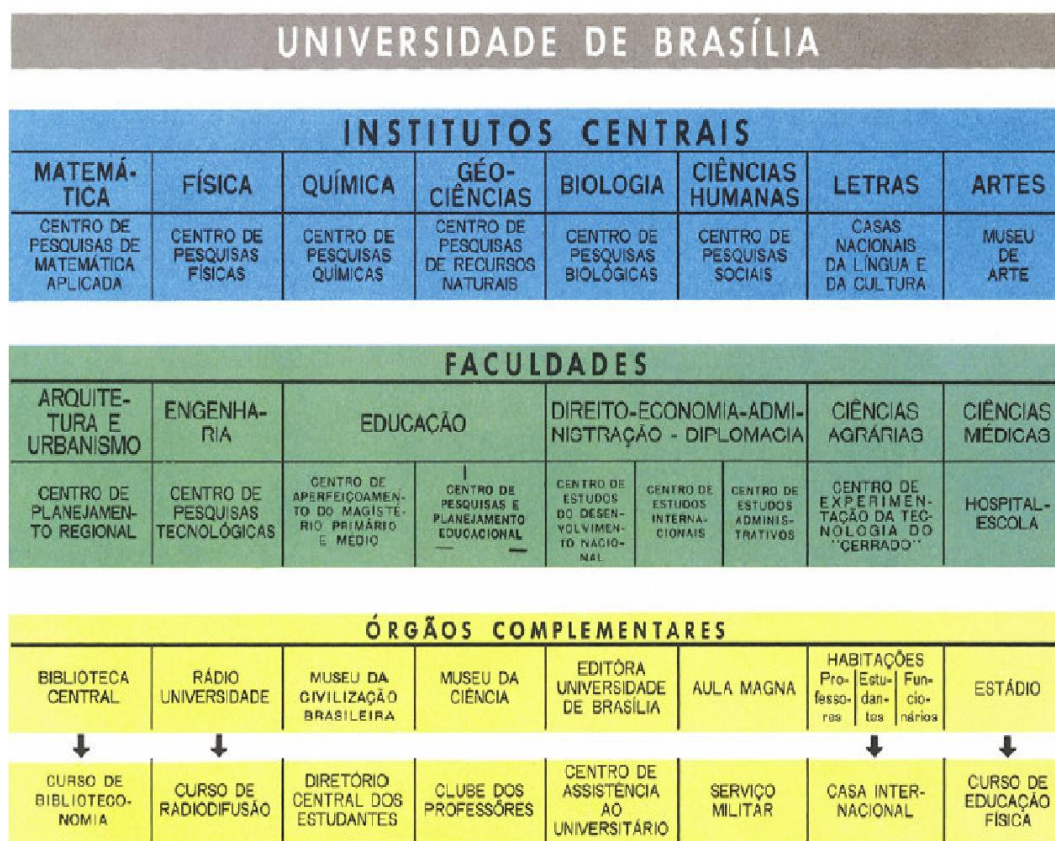
A partir das definições apresentadas analisaremos mais adiante as exposições do Museu de Geociências e do Museu de Anatomia Humana, a fim de entendê-los enquanto Museu Universitário.



## Capítulo 2-Universidade de Brasília, Museus e Museologia.

Em 21 de abril de 1960, o então Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira apresentou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei para criação da Fundação Universidade de Brasília (FUB). A lei foi aprovada em 15 de dezembro de 1961 e o primeiro vestibular foi realizado em fevereiro de 1962. A Universidade de Brasília (UnB) iniciou suas aulas em 9 de abril de 1962 com 413 alunos de graduação e pós-graduação, mas apenas no dia 21 de abril de 1962, o Campus da Universidade de Brasília é oficialmente inaugurado com solenidades que ocorreram no Auditório Dois Candangos<sup>12</sup>.

A UnB tinha um Plano Orientador<sup>13</sup> para a sua completa implantação que consistia de um sistema duplo e integrado com Institutos Centrais e Faculdades, conforme a figura abaixo.



**Figura 2-**Estrutura da Universidade de Brasília

Fonte: Plano orientador da Universidade de Brasília.

<sup>12</sup> Hoje pertence à Faculdade de Educação

<sup>13</sup> Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília, 1962

Ao observar a estrutura original da UnB (fig.2), encontramos três museus, Museu de Artes relacionado ao Instituto de Artes, e o Museu da Civilização Brasileira e o Museu de Ciências que fariam parte dos órgãos complementares “destinados a funcionar supletivamente como centros de extensão para a cidade e para o país.<sup>14</sup>”.

O *MUSEUM* que compreenderá o Museu de Ciência, o Instituto de Artes e o Museu da Civilização Brasileira. Este último com o objetivo de vincular Brasília às nossas tradições históricas e artísticas e dar, aos moradores da nova capital e aos visitantes que a procurem, uma visão do nosso esforço secular para criar uma civilização. (PLANO ORIENTADOR, 1962)

No entanto, nenhum dos museus foram criados devidos ao Golpe Militar<sup>15</sup> de 1964, apenas conseguimos informações de que houve esforços para a criação de um curso de Museus, no período. O Reitor Darcy Ribeiro<sup>16</sup> (1962-1963) pediu a Museóloga Lygia Martins Costa<sup>17</sup> que elaborasse um projeto para um Curso Básico para Pessoal Científico em Museus de História e Artes. Costa relatou em entrevista<sup>18</sup> que o viés de sua experiência com museus e a museologia sempre esteve ligado a essas áreas e narrou que:

...sempre fui chamada à universidades...pediam cursos sobre Museologia, ao passo que na Universidade de Brasília mostraram interesse em um curso inteiro de quatro anos letivos para formar museólogos... ..em 1964, já de volta ao Rio, me chamaram para dar uma Aula Inaugural na Universidade de Brasília (UnB). Passei uma noite em claro criando um curso para a Universidade. Disse ao Zeferino Vaz: “um curso feito em uma noite só não poderia ser aprovado assim tem que ser discutido”. Então ele pegou a caneta e escreveu: “ad referendum do Conselho”. Aquele curso saiu a jato... ele não chegou a ser implantado por causa da Revolução (ela) desmontou tudo. Darcy Ribeiro queria implantar o Museu do Homem Brasileiro, e a minha intenção era organizar o Museu com os alunos já tendo aulas, pois eles estavam estudando a parte científica e, desse modo, a parte prática seria um complemento, orientado pelos professores...

<sup>14</sup> PLANO ORIENTADOR UNIVERISDADE DE BRASÍLIA, 1962,

<sup>15</sup> Golpe de 1964 que deu origem a Ditadura Militar que perseguiu e prendeu estudantes, professores e servidores da Universidade.

<sup>16</sup> Sociólogo, idealizador da Universidade de Brasília juntamente com Anísio Teixeira, Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Primeiro reitor da UnB.

<sup>17</sup> Museóloga, educadora e historiadora da arte. Responsável pelo primeiro projeto do curso de Museologia da Universidade em 1964. Uma das mais respeitadas profissionais na área da Museologia e cultura.

<sup>18</sup>Entrevista-depoimento originalmente publicada na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 31. Brasília: Iphan, 2005. p. 274-309.

Conforme o projeto original (anexo B) Museu da Civilização Brasileira ficaria próximo à Praça Maior<sup>19</sup>, segundo croqui<sup>20</sup> do arquiteto Oscar Niemeyer, portanto, construído atrás da Biblioteca Central (BCE), mas durante a construção da Universidade foi deixado de lado devido à demissão em massa dos professores em 1965, durante a Ditadura Militar<sup>21</sup> instaurada em abril de 1964.

Outro projeto que não foi posto em prática é o do Museu Universitário de Ciências, que segundo Roque de Barros Laraia<sup>22</sup> seria:

“constituído de vários módulos, um deles destinado à Cultura Brasileira. O museu seria construído na entrada do Campus Darcy Ribeiro, na área onde hoje fica a Fundação de Empreendimento Científicos e Tecnológicos -Finatec<sup>23</sup>. Fizemos muitas reuniões, um anteprojeto foi elaborado e nada aconteceu”<sup>24</sup>. (LARAIA,2012)

Atualmente a maioria dos museus existentes na Universidade de Brasília é da área de Ciência e Tecnologia, como apresentaremos adiante.

## 2.1. Curso de Bacharelado em Museologia

O Curso de Bacharelado em Museu da UnB só se concretizou em 2009, mas sua história remonta a iniciativa da museóloga LaisScuotto<sup>25</sup> e do Professor Antonio Miranda<sup>26</sup>, em 1988, quando um projeto é apresentado ao Ministério da Educação - MEC, por meio do Centro de Documentação e Informação (CDI), hoje Faculdade de Ciência da Informação (FCI) para a criação de um Curso de Especialização em Museologia, formado por professores de várias cidades brasileiras, principalmente do Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O projeto foi aprovado no MEC, mas o curso foi cancelado devido aos problemas enfrentados

<sup>19</sup> A Praça Maior criada por Oscar Niemeyer. Com quatro grandes prédios, idealizada para preencher o vazio entre o Instituto Central de Ciências (ICC), e o Lago Paranoá.

<sup>20</sup> Croquis disponíveis em:

<<http://www.unb50anos.com.br/index.php/component/content/article/9-noticias/332-niemeyer-em-50-esbocos>> Acesso em 23 jun 2015.

<sup>21</sup> Ditadura Militar no Brasil de 1964 a 1985.

<sup>22</sup> Professor Emérito da Universidade de Brasília. Possui Graduação em Bacharelado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos temas: patrimônio cultural, antropologia, cultura, etnologia indígena e sociedades indígenas. Foi pesquisador do CNPQ, nível IA.

<sup>23</sup> Localiza-se no campus universitário Darcy Ribeiro na avenida L3 Norte, Asa Norte, Brasília – DF.

<sup>24</sup> Um presente para a UnB Roque Laraia

<<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=513>> Acesso em 15 de jun. 2015

<sup>25</sup> Diretora do Museu dos Correios

<sup>26</sup> Professor titular da Faculdade de Ciências da Informação da Universidade de Brasília.

pela economia nacional da época que reduziu drasticamente os recursos das universidades brasileiras.(ALVARES, 2012, p.238)

A convidada Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO e da *International Federation of Library Associations- IFLA*, o Professor Miranda foi a Londres, no ano de 1992, participar de uma mesa-redonda internacional, apresentando uma pré-proposta de diretrizes para a harmonização curricular dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia no âmbito da Ciência da Informação. (ALVARES, 2012, p.237)

Segundo Alvares (2012), ao mesmo tempo, uma pesquisa, que resultou na dissertação de Mestrado de Eliana Mendes, intitulada "Tendências para a Harmonização de Programas de Ensino de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia no Brasil: um Estudo Delfos" era defendido no CDI. A pesquisa tinha como critério a criação de uma base epistemológica e à formulação de uma proposta de um tronco comum envolvendo as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação e foi o resultado da consulta a profissionais, pesquisadores e acadêmicos de todo o Brasil, atuantes da época.

Ainda na década de 1990 o CDI chegou a apresentar uma proposta preliminar para a criação do curso de graduação em Museologia a Reitoria da UnB, mas o grupo de professores interessados foi desestimulado por novamente não haver condições financeiras<sup>27</sup>.

Anos mais tarde o projeto é retomado e então implantado. O projeto para o curso de Museologia cumpre a Resolução da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, Resolução CNE/CES 21, de 13 de março de 2002, que estabelece as diretrizes curriculares para os Cursos de Museologia, em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), o Regimento Geral da UnB e outras legislações pertinentes. Com recursos do Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), finalmente o primeiro concurso de vestibular para Museologia

---

<sup>27</sup> Site do curso de Museologia <<http://www.museologia.fci.unb.br/index.php/curso/historico-do-curso.html>> Acesso em 20 maio 2015

da UnB foi realizado em junho de 2009 e as aulas iniciaram no segundo semestre do mesmo ano. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2010, p.12)

O curso de graduação em Museologia da Universidade de Brasília é composto por 169 créditos (2535 horas); está localizado na Faculdade de Ciência da Informação (FCI), no campus Darcy Ribeiro; oferecendo 30 vagas por semestre pelo processo seletivo do vestibular. Concebido como um curso interdisciplinar conta com a colaboração das seguintes unidades acadêmicas da UnB: Departamento de História do Instituto de Humanidades (HIS/IH), Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais (DAN/ICS) e Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes (VIS/IdA). De acordo com o Termo de Compromisso assinado entre as Unidades Integrantes do "Consórcio de Museologia", os departamentos assumem a responsabilidade de colaborar no desenvolvimento das atividades pedagógicas do futuro curso, oferecendo disciplinas previstas na grade curricular como obrigatórias para a formação do aluno, dentro dos seguintes eixos temáticos: Teoria e Prática Museológica, Museologia e Informação, Museologia e Patrimônio Cultural, Preservação e Conservação de Bens Culturais.(UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2010, p. 10).

O curso de Museologia formou sua primeira turma de bacharéis em Museologia no ano de 2013.

## **2.2. Museus da Universidade de Brasília**

No Brasil, segundo o Guia de Museus do Instituto Brasileiro de Museus, estima-se em cento e sessenta o número de museus universitários no Brasil e no Distrito Federal encontram-se sete deles, cinco dos quais fazem parte da Universidade de Brasília sendo eles: Herbário; Museu de Anatomia Humana; Museu de Geociências; Mostra Permanente de Sismologia e Experimentoteca. (IBRAM, 2011)

No banco de dados do *University Museums & Collections*<sup>28</sup> - UMAC Comitê para Museus Universitários do ICOM há no Brasil cento e cinquenta e cinco (155) museus universitários, nove deles no Distrito Federal e todos os museus

---

<sup>28</sup> Banco de Dados disponível em: <<http://publicus.culture.hu-berlin.de/collections/>>. Acesso em 23 jun 2015

cadastrados fazem parte da UnB sendo eles: Casa da Cultura da América Latina; Coleções do Departamento de Zoologia da UnB; Herbário; Museu de Anatomia Humana; Museu de Geociências; Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília; Museu Virtual para a Arte Computacional; Observatório Astronômico; Observatório Sismológico.

No site institucional<sup>29</sup> da Universidade Brasília encontram-se listados dez museus universitários, sendo eles: Experimentoteca, Herbário, Museu de Anatomia Humana, Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química, Museu de Geociências, Observatório Sismológico, Observatório Astronômico, Laboratórios de Zoologia, Unidade de Reciclagem de Resíduos da Construção, Museu Virtual de Ciência e Tecnologia. Durante a pesquisa encontramos o Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília (MAV-UnB) que não aparece em nenhum momento. Informações sobre a Casa da Cultura da América Latina – CAL aparecem na área destinada ao DEX e o Museu Virtual para a Arte Computacional, está fora do ar e ao entrar em contato depois com os responsáveis não foi obtido retorno.

Encontramos também dois projetos de incentivo a visitação das instituições museológicas, no qual o MAV faz parte: o Projeto Tour no Campus e a Rede de Museus e Espaços de Ciência da UnB.

A UnB ainda apoia dois projetos de futuros museus em parceria com o Governo do Distrito Federal, o Museu de Ciência e Tecnologia de Brasília e o Museu de Educação. O Museu de Ciência e Tecnologia de Brasília é um projeto cuja missão é promover, sob uma perspectiva cultural, a educação científica e tecnológica no Brasil, por meio de programas inovadores e interativos que estimulem a curiosidade e a investigação científicas nos diferentes segmentos da população.

O Museu de Educação também é um projeto em implantação de uma instituição cultural, educacional e científica para a salvaguarda da memória educacional do Distrito Federal. O projeto prevê a construção do edifício do museu como uma réplica fiel da primeira escola de Brasília, que tinha o nome de

---

<sup>29</sup>Site UnB disponível em: <[http://www.unb.br/servicos/para\\_a\\_comunidade/museus\\_e\\_colecoes](http://www.unb.br/servicos/para_a_comunidade/museus_e_colecoes)>  
Acesso em : 23 jun 2015

Júlia Kubitschek, mãe do Presidente JK. O projeto tem suas origens nas pesquisas da professora Eva Waisros<sup>30</sup> da UnB.

Com projeto original de Oscar Niemeyer, o museu trará 300 depoimentos de educadores e gestores que vivenciaram a implantação do Plano de Educação, entre 1956 e 1964. Além disso, os visitantes terão acesso a fotos, documentos em papel, áudios, vídeos e ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, datado de 1932, que vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. (Portal do Governo de Brasília<sup>31</sup>)

### **Projeto Tour no Campus**

A Diretoria de Esporte, Arte e Cultura - DEA/DAC/UnB, órgão do Decanato de Assuntos Comunitários - DAC tem como um de seus projetos o “Projeto Tour no Campus<sup>32</sup>”.

O “Tour no Campus” consiste em uma visita ao Campus Darcy Ribeiro da UNB, situado na Asa Norte de Brasília, das escolas de ensino básico do Distrito Federal e Entorno através de visitas marcadas por telefone. A visita ocorre de oito horas da manhã ao meio-dia.

As escolas visitantes são recebidas por duas monitoras no estacionamento do Instituto Central de Ciências (ICC)-Sul na hora marcada e se dirigem ao primeiro museu, o Museu de Veterinária, localizado no Hospital Veterinário, onde são recebidos no laboratório de taxidermia por um técnico da área que é responsável por monitorar a visita. No local se explica o processo de taxidermia; mostra animais ainda não taxidermizados e deixa os visitantes tocarem em algumas peças expostas nas bancadas/mesas do laboratório. Em seguida os leva para uma pequena sala ao lado onde estão expostas diversas espécies de animais taxidermizados. Ao longo do corredor do prédio térreo existem vitrines com mais alguns animais expostos, o prédio também tem salas de aulas e por vezes a quantidade de visitantes no laboratório e museu atrapalham as aulas.

---

<sup>30</sup> Professora emérita da Universidade de Brasília responsável pela pesquisa que deu início ao projeto do Museu da Educação do Distrito Federal.

<sup>31</sup> Portal do Governo de Brasília disponível em: < <http://df.gov.br/noticias/item/12640-museu-proporcionar-C3%A1-viagem-C3%A0-hist-C3%B3ria-da-educa-C3%A7-C3%A3o-do-df.html> > Acesso em 26 jun 2015

<sup>32</sup> Diretoria de Esporte, Arte e Cultura <<http://www.dea.unb.br/10-noticias-do-portal/30-projeto-tour-no-campus>> Acesso 23 jun 2015

Após o Museu de Veterinária, a vista é direcionada ao ICC – Norte, onde se localiza a Experimentoteca e um monitor explica-lhes os fenômenos físicos em diversos equipamentos. Os visitantes, que são em sua maioria estudantes de educação básica, participam das demonstrações, estas variam de acordo com o ano escolar (5º ao 9º ano e Ensino Médio). Os experimentos são fixos, o que varia é a explicação dada pelos monitores, alunos de graduação em cursos como engenharia, física, matemática e que tenham a licenciatura como habilitação, alguns são bolsistas da extensão.

Em seguida dirigem-se ao Instituto de Química (IQ), onde assistem a apresentação dos professores e monitores no Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química (LPEq). A apresentação consiste em demonstrações de fenômenos químicos de acordo com um tema programado para o semestre (orientado pelos professores responsáveis e monitores). Ao fim da apresentação do LPEq, a visita é direcionada a Faculdade de Medicina (FM) onde os alunos irão visitar o MAH são recebidos por duas monitoras do curso de Medicina/Enfermagem que os guiam durante a visita a sala de exposição com diversas peças anatômicas de partes do corpo humano dispostas ao longo das salas em recipientes com conservantes próprios para este tipo de objeto e em vitrines comuns de vidro. Os visitantes também visitam uma segunda sala onde é possível ver um corpo completo onde as monitoras fazem demonstrações. Também podem passar por uma terceira sala onde estão dispostos diversos fetos e embriões de várias espécies. A visita é encerrada após as explicações.

### **Rede de Museus e Espaços de Ciência da UnB**

A Rede de Museus e Espaços de Ciência da Universidade de Brasília foi criada em 20 de agosto de 2005, e vem a ser a integração de espaços independentes para complementar a divulgação do conhecimento científico para a comunidade externa, estudantes e professores da educação básica e a população geral e, claro, para a comunidade interna da universidade. Fazem parte da Rede de Museus e Espaços de Ciência da UnB: a Experimentoteca, o Herbário, o Museu de Anatomia Humana, o Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química, o Museu de Geociências, o Observatório Sismológico, o Observatório Astronômico, o Laboratórios de Zoologia, a Unidade de Reciclagem de Resíduos da Construção e



Museu Virtual de Ciência e Tecnologia. A rede, na verdade, é formada por unidades já existentes que funciona de forma integrada, ainda que em seus locais originais<sup>33</sup>.

### **Experimentoteca**

A Experimentoteca do Instituto de Física tem como objetivo auxiliar a compreensão da Física em um ambiente de lazer aos estudantes de ensino básico, médio e universitário e também curiosos sobre o tema. Seu acervo conta com cerca de setenta experimentos, com cinquenta em funcionamento e fazem parte das visitas guiadas oferecidas com horário previamente marcado. Como um projeto de extensão do Instituto de Física visa à divulgação científica para a comunidade acadêmica e geral.

### **Herbário**

O Herbário do Instituto de Ciências Biológicas tem como objetivo a pesquisa para a identificação de plantas desconhecidas e presta consultoria à comunidade em casos de intoxicação por plantas. Seu acervo conta com mais de 200.000 espécimes catalogados em exsiccatas. A visita pode ser feita durante os períodos da manhã e tarde, sendo seu público predominante pesquisadores e estudantes. Pesquisadores podem retirar as exsiccatas por empréstimo. Ainda dispõe de uma biblioteca para consulta de alunos de graduação e pós-graduação em Botânica.

### **Museu de Anatomia Humana**

O Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina tem como objetivo divulgar a ciência sobre o corpo humano à comunidade acadêmica e geral. Seu acervo conta com ossos e peças anatômicas resultante de recepção coleta, macerações e dissecações. As visitas guiadas são oferecidas e devem ser previamente marcadas.

### **Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química**

---

<sup>33</sup>Secretaria de Comunicação UnB <<http://www.secom.unb.br/unbagencia/ag0805-58.htm>> Acesso em 19 maio 2015

O Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química do Instituto de Química tem como objetivo prestar consultoria e auxiliar professores de Química e de Ciências do ensino básico em desenvolver atividades experimentais em Química, como feiras de ciências, trabalhos e projetos escolares. No caso, das escolas públicas do Distrito Federal e Entorno o LEPq fornece gratuitamente os materiais a serem utilizados. São oferecidas visitas a partir de agendamento prévio.

### **Museu de Geociências**

O Museu de Geociências do Instituto de Geociências tem como objetivo a divulgação das geociências através de exposições, conservação e ampliação das coleções. O acervo conta com mais de 5.000 peças, entre elas, rochas, minerais, gemas e fósseis. O MGeo ainda conta com uma biblioteca e uma sala de estudos para estudantes do curso. As visitas podem ser feitas durante toda manhã e a tarde, sendo que as visitas guiadas devem ser marcadas com antecedência.

### **Observatório Sismológico**

O Observatório Sismológico apresenta a Mostra Permanente de Sismologia, que tem como objetivo a divulgação científica através de experimentos pedagógicos do qual o visitante participa para explicar o passado e o presente da dinâmica da Terra. As visitas guiadas devem ser marcadas com antecedência.

### **Observatório Astronômico**

O Observatório Astronômico do Instituto de Física está localizada dentro da Fazenda Água Limpa. Tem como objetivo a divulgação científica através da Astronomia e Astrofísica, conta com equipamentos específicos como um telescópio Meade LX200 de 10 polegadas entre outros que são utilizados para as aulas de graduação e pesquisas da pós-graduação. Recebe visitas escolares e de curiosos onde explicam sobre noções de instrumentação, aspectos teóricos e observacionais da astronomia, além de despertar a curiosidade científica. As visitas devem ser marcadas previamente.

### **Laboratórios de Zoologia**

Os Laboratórios do Departamento de Zoologia do Instituto de Ciências Biológicas tem entorno de treze laboratórios e cinco salas com coleções que podem ser visitadas. Atendem prioritariamente estudantes e pesquisadores por meio de visitas agendadas.

### **Museu Virtual de Ciência e Tecnologia**

O Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília é um espaço virtual para a divulgação científica nele podem-se encontrar exposições, atividades lúdico-educativas e conteúdos sobre ciência e tecnologia dos espaços e museus da Universidade de Brasília.

### **Unidade de Reciclagem de Resíduos da Construção**

Atua como polo multiplicador de tecnologias para a reciclagem de resíduos de construção. É necessário marcar visita.

### **Museu de Anatomia Veterinária**

O Museu de Anatomia Veterinária MAV está situado no campus Darcy Ribeiro, e é parte integrante das atividades desenvolvidas pelo Laboratório de Anatomia Veterinária da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária. Seu acervo constitua-se de peças anatômicas de animais provenientes dos projetos de docentes e discentes usuários do Laboratório de Anatomia Veterinária. Conta com mais de 800 peças diversificadas entre animais domésticos, silvestres e exóticos, a coleção preparada de ossos isolados, esqueletos e órgãos dos diferentes sistemas orgânicos preservados em soluções fixadoras, moldes em resina acrílica de órgãos cavitários e parenquimatosos, espécimes taxidermizados e criodesidratados. O horário de funcionamento é das 8 às 18 horas, de segunda à sexta-feira.

### **Casa da Cultura da América Latina**

A Casa da Cultura da América Latina não está localizada no campus Darcy Ribeiro e não tem vínculo com nenhum departamento, instituto ou faculdade, ela responde diretamente ao Decanato de Extensão. Sua localização é no Edifício Anápolis no Setor Comercial Sul em Brasília. A CAL tem por objetivo promover as culturas ibero, latina e africana e também é um espaço de estudo e de

preservação do patrimônio cultural e artístico da UnB. Promove eventos, como exposições, oficinas de arte, cursos, palestras, teatro e entre outros. Encontra-se três galerias de arte: CAL (subsolo); Acervo (2º andar) e de Bolso (vitrine) em seu auditório, no térreo, funciona o Cinema da Casa da Cultura da América Latina (CineCAL). Disponibiliza acesso ao seu acervo para pesquisa, geralmente por pesquisadores das Artes, Antropologia e Museologia. Seu horário de funcionamento é de 8 as 19 horas, de segunda à sexta e mantém a divulgação de seus eventos pelos redes sociais.

Concluímossobre as visitas a essas coleções e espaços, que são um excelente meio de divulgação científica desenvolvido pelos departamentos, faculdades e institutos para abrilhantar a UnB, mas não foi verificada a existência de uma política de apoio que ofereça o suporte necessário a esses espaços. Os serviços disponibilizados por eles ocorrem devido ao empenho dos docentes responsáveis, seus estagiários e monitores que têm o interesse de continuar o trabalho de seus antecessores e o próprio, a fim de dar continuidade à divulgação científica para as comunidades acadêmica e geral. É nítido, que a reitoria se beneficia desses espaços e coleções para a divulgação da universidade, transferindo aos próprios departamentos, institutos e faculdades a responsabilidade de mantê-los com uma pequena parte das verbas repassadas a eles.

Deve ser observado que nem todos são museus ou coleções universitárias como é o caso da Unidade de Reciclagem de Resíduos da Construção, que é um polo tecnológico.

No caso da CAL, os responsáveis tem uma pequena autonomia comparada aos museus e espaços de ciência do campus Darcy Ribeiro. Talvez por estar fora do campus e responder ao Decanato de Extensão que é de onde vem a maior parte da verba que mantém os museus por se tratarem de projetos de extensão. Infelizmente, eles têm de dividir os recursos financeiros com os demais projetos dos seus institutos e também com os demais projetos de extensão da universidade que conta com quatro campi.

## Capítulo 3 – Museu de Geociências e Museu de Anatomia Humana da UnB

### 3.1. Museu de Geociências – MGeo/UnB

#### História

Com o início do curso de Geologia, em 1965, por necessidade foi criado um depósito de amostras, que eram coletadas em campo por alunos e professores do curso. Em 1967, ocorreu a permuta de amostras entre o então Instituto Central de Geociências e a *École des Mines* de Paris, França, resultando nas primeiras coleções didáticas do curso de Geologia. Em 1971, foi encontrado um meteorito de 279 kg, o meteorito de Sanclerlândia (Goiás), que por sua raridade transformou o depósito no atual Museu de Geociências.

Desde 2008, o espaço físico do museu com 350 m<sup>2</sup> vem sendo reformulado recebendo uma sala de estudos, uma biblioteca setorial para o Instituto de Geociências e o espaço expositivo também recebeu a exposição do extinto Museu Nacional de Gemas<sup>34</sup> em 2012. Hoje o MGeo é um centro de extensão, e conta com três exposições de longa-duração: Gemas: Do bruto ao belo; Classificação sistemática dos minerais e a de Paleontologia.

Outras três exposições estão em fase de montagem: a de Espeleologia<sup>35</sup> que contará com a caverna que foi construída no espaço expográfico; a sobre meteoritos tendo o meteorito de Sanclerlândia como recurso expográfico principal e a exposição de caosopia, na qual serão usados microscópios. A mediação das exposições é feita por estudantes dos cursos do IG geologia, geofísica e ciências ambientais e do curso de Museologia, tendo uma responsável para o acervo do museu. O MGeo encontra-se no ICC (Instituto Central de Ciências) Central, sala AT 276/18.

#### Descrição

Ao entramos no espaço expográfico, acesso ao público pelo corredor do ICC Central, nos deparamos com diversas vitrines e uma caverna a direita. As exposições estão por todo o espaço, como módulos, à direita na parte da frente à

---

<sup>34</sup> Extinto museu do SEBRAE-D.F.

<sup>35</sup> Estudo referente a cavidades naturais, cavernas.

caverna; mais adiante os fósseis; à esquerda a exposição Gemas: Do bruto ao belo; um pouco mais adiante microscópios que farão parte da exposição caoscopia; ao fundo de todo o espaço está à exposição de Classificação Sistemática de Minerais. Há três exposições em montagem no MGeo sendo elas: espeleologia (caverna), meteoritos (meteorito de Sanclerlândia) e a caoscopia(microscópios).

A exposição “Gemas: Do bruto ao belo” está disposta por todo o quadrante esquerdo da sala, nela pode ser visto gemas ou popularmente conhecidas como pedras preciosas, são expostas gemas em seu estado bruto, natural, e outras com diversos talhes (lapidação). O acervo de gemas foi adquirido do extinto Museu Nacional de Gemas e contém diversos tipos de espécies minerais como âmbar, ágata, calcita, topázio entre outros. As gemas lapidadas e de maior valor ficam em uma vitrine no centro do quadrante e as outras dispostas a sua volta, próximas às paredes estão outras vitrines com mais minerais expostos explicando as propriedades físicas e óticas dos minerais. A explicação de toda esta exposição é feita através de legendas fixadas nas vitrines ou próximas aos objetos.



**Figura 3** - Exposição Gemas: Do bruto ao belo.

Fonte: Amália Chaves Palomino

A exposição sobre Classificação Sistemática de Minerais apresenta a classificação química de cada mineral (Óxidos, Sulfetos, Carbonatos, Silicatos, etc). Os minerais possuem propriedades físicas, químicas e óticas relativamente

homogêneas, permitindo a classificação através de métodos como estrutura, dureza, cor, brilho e peso.

Os diversos minerais de acordo são agrupados de acordo com suas características comuns nas vitrines e recebem legendas explicativas.



**Figura 4** - Exposição Classificação Sistemática de Minerais.  
Fonte: Amália Chaves Palomino

A exposição de Paleontologia ou fósseis, com vitrines dispostas pelo o quadrante direito do espaço expositivo, próxima da exposição de classificação dos minerais. Nelas estão peças fossilizadas de animais pré-históricos com etiquetas e folders contendo explicações sobre as peças. Em breve serão colocados na parede à direita textos em painéis para explicações referentes a datas.



**Figura 5** -Exposição de Paleontologia.  
Fonte: Amália Chaves Palomino

### Análise

Ao observar estas exposições percebemos que na verdade é uma grande exposição sobre geociências, dividida em módulos. A direita de quem entra no espaço expositivo encontramos a caverna que causa surpresa aos visitantes e ainda está em fase de montagem. O que chama a atenção de imediato do visitante é o módulo das gemas por estar mais organizado e de fácil entendimento pelas legendas.

A exposição do MGeo, interage com o público através do uso de vitrines, legendas, cenografia e textos. Para Chelini e Lopes (2010), a linguagem expositiva não se restringe à escrita, pois se pode fazer uso de múltiplos suportes de multimídia, iconografia, vitrines e cenografia. A interação do público com a exposição pode vir através do olhar interativo, ou seja, da comunicação do visitante com as vitrines, legendas e cenografia e o qual ensinamento ele irá retirar dali.

A mediação é mais uma forma de interação do público com a exposição, onde um estagiário explica aos visitantes a exposição respondendo suas indagações e dúvidas.



Ao observar as visitas guiadas foi perceptível que o interesse dos visitantes vai sendo perdido no decorrer da visita por diversos motivos. Um deles é o uso de termos específicos da geociência usados pelo mediador que possivelmente não o percebe; outro fator é o de não poderem se movimentar livremente pelo espaço, que chama bastante atenção das crianças pelo seu tamanho, e o risco de colidir com alguma vitrine, em particular as vitrines do módulo das gemas, que devido ao limitado espaço entre elas dificulta a movimentação do visitante de qualquer faixa etária.

Devido à quantidade de módulos em funcionamento e o que será ao término da montagem o Museu de Geociências tem diversas possibilidades de percurso para sua exposição. Por ter um espaço expositivo grande pode-se escolher fazer três tipos de circuitos fechado, aberto ou sugerido como explica Saturino:

No circuito fechado, os espaços expositivos possuem apenas uma entrada e uma saída, o percurso é inteiramente predeterminado, todos os visitantes fazem o mesmo trajeto na exposição e na assimilação do conteúdo até a saída. No circuito aberto, o visitante tem circulação livre no espaço, o posicionamento dos móveis, módulos e painéis permite a construção do percurso individual. No circuito sugerido há uma sequência na distribuição da informação que pode ser lida aleatoriamente, nesse caso o visitante decide seguir ou não a sugestão de percurso. (SATURINO, 2013, p. 37).

No caso, dos três módulos apresentados neste trabalho eles podem começar a visita pelo módulo da Paleontologia, indo para a Classificação de Minerais e terminando nas Gemas que seria o circuito fechado; ou fazer o caminho inverso, no circuito aberto, o visitante andaria pelos módulos aleatoriamente; e no circuito sugerido ele poderia seguir até a Paleontologia e terminar no módulo das Gemas ou fazer o caminho inverso.

Seria adequado moldar à explicação do mediador de acordo com a faixa etária e/ou a série da turma, os dados anteriores seriam pedidos ao marcar as visitas no caso de agendamento que é como ocorrem na maioria das visitas. Assim, teria um maior interesse dos visitantes e a experiência da visita seria mais produtiva.

### 3.2 Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília

#### História

O Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília teve seu início em 1977 como uma coleção de ensino e em 1986 foi aberto à visitação da comunidade externa e desde então está aberto com a missão de divulgar a ciência através do estudo e exposição de peças do corpo humano. O acervo do MAH é composto por centenas de peças anatômicas e ossos, resultantes de coleta, macerações e dissecações executadas por técnicos especialistas. Parte do acervo é destinado a exposições itinerantes, pois pode ser transportado com mais facilidade devido a uma das técnicas de conservação das peças permitindo o manuseio em demonstrações públicas. O museu trabalha em parceria com o Laboratório de Restauro e Laboratório de Técnicas Anatômicas.

O MAH está localizado na área de Morfologia da Faculdade de Medicina, ele conta com espaço cedido pela faculdade para o expositivo e a administração como pode ser visto na figura de número 5:

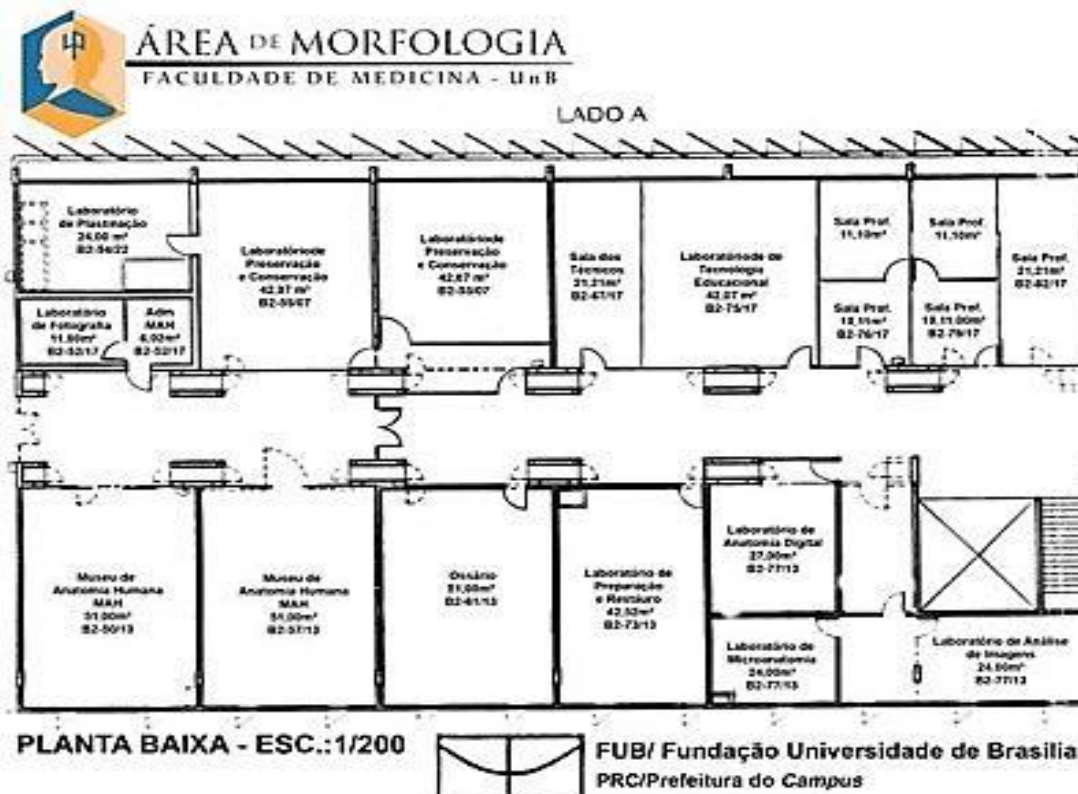


Figura 6 - Planta baixa área de morfologia da Faculdade de Medicina

Fonte: Faculdade de Medicina

A primeira sala no canto inferior esquerdo da figura é onde encontra a sala de exposição do MAH, o espaço expositivo do museu continua ao lado de uma antiga câmara frigorífica chamada de Espaço de Exposição temática Galeria do Corpo. O MAH faz parte do Programa de Extensão da Área de Morfologia, que fazem parte a Exposição de longa duração na sala B2-50/13, o Espaço de Exposição temática Galeria do Corpo, antigo frigorífico; a Reserva Técnica (sala B2-55/17), o Laboratório de Tecnologia Educacional (sala B2-75/17) e o Laboratório de Anatomia Digital (sala B2-77/13). Ambas as salas expositivas foram recentemente reformadas.

O museu também conta com um Arquivo Histórico localizado na sala da administração do museu, o arquivo abriga documentação desde a sua fundação sendo em sua maioria de origem cartorária, avulsos manuscritos, impressos, gravuras, fotografias, dentre outros.

O museu apresenta três exposições no momento, duas de longa duração e outra de curta duração que irá de maio de 2015 a maio de 2016. A mediação é feita por estagiários dos cursos da Faculdade de Medicina que recebem escolas de ensino fundamental, médio e técnico. Todas as visitas são agendadas previamente.

#### Descrição

Ao entramos no museu, à direita encontramos a primeira exposição de longa duração, “Museu de Anatomia Humana da UnB e a Interação com a Sociedade” ela faz parte dos Projetos e Programas de Extensão de Ação Contínua – PEAC coordenado pela professora Ana Lucia Carneiro Sarmiento. Essa exposição toma todo o lado direito do espaço expositivo. A primeira peça é um esqueleto humano em uma vitrine no canto direito da sala, e estão expostas peças anatômicas dos membros superiores e inferiores dissecados e alguns órgãos referentes ao torso, estas peças estão em recipientes com soluções próprias para a conservação. As peças estão dispostas em vitrines de vidro de 1,20 metros com etiquetas e legendas explicativas, há também banners por toda a parede explicando o que virá a seguir na vitrine. Próxima a ultima vitrine encontra-se em uma mesa modelos tridimensionais para educação especial.

Ao lado esquerdo do espaço expositivo há a exposição “Educação em Saúde e Cidadania” também um projeto do PEAC coordenado pela professora Jussara Rocha Ferreira, onde são expostas peças e modelos anatômicos sobre os órgãos sensoriais humanos (boca, ouvidos, mãos, nariz, olhos). A seguir vem uma vitrine com os objetos usados em laboratórios como pipetas, béqueres e afins. Assim como, na parede a direita que há banners explicativos sobre a exposição.



**Figura 7** -Exposição Museu de Anatomia Humana da UnB e a Interação com a Sociedade  
Fonte: Amália Chaves Palomino

No meio da sala as vitrines expõem peças referentes à coluna vertebral, pélvis, órgãos e fetos, a vitrine à frente expõem os materiais usados na conservação das peças.



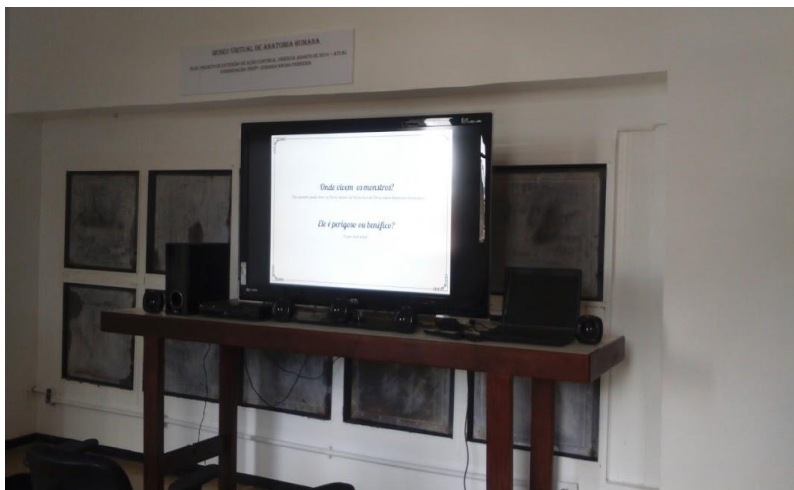
**Figura 8**-Exposição “Educação em Saúde e Cidadania”  
Fonte: Amália Chaves Palomino

Próxima a essa vitrine começa a exposição “Corpos tetralógicos, corpos biológicos e monstros” expondo fetos com defeitos e malformações genéticas, essa exposição é uma parceria entre o MAH e o Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica e do Instituto MukharajiBrasilian. Esta exposição esta montada na segunda sala de exposição do MAH, um antigo laboratório de anatomia e freezer. Nela estão expostos fetos com defeitos genéticos e malformados, já que essas características podem vir tanto de fatores genéticos quanto de fatores ambientais ou a soma dos dois fatores.



**Figura 9:** Corpos tetralógicos, corpos biológicos e monstros.  
Fonte: Amália Chaves Palomino

Esta exposição conta com recursos multimídias para a divulgação do Museu Virtual de Anatomia Humana, que faz parte do site da Faculdade de Medicina na seção de Morfologia, as imagens que passam no televisor são referentes ao conteúdo da exposição “Corpos tetralógicos, corpos biológicos e monstros”, nelas estão às explicações dessa exposição.



**Figura 10** -Museu Virtual de Anatomia Humana  
Fonte: Amália Chaves Palomino

Após essa sala com o televisor e cadeiras para o visitante assistir as explicações, ele é dirigido à próxima sala, o antigo freezer, onde a uma vitrine com objetos sobre religião, espiritualidade, filosofia e a medicina questionando as três primeiras áreas com a última, questionando ciência e religião, contem também no espaço um antigo microscópio e um cadáver embalsamado.



**Figura 11** - Exposição Corpos tetralógicos, corpos biológicos e monstros.  
Fonte: Amália Chaves Palomino

Ao final da visitação o mediador pede para os visitantes colocarem as mãos em uma caixa preta, esse é um momento de hands-on onde o visitante pode tocar em alguma peça, no caso um modelo, para que possa identificar através do sentido do tato tornando um momento de descontração e de compreensão do que foi explanado no decorrer da visita.

## Análise

O MAH também separa seus módulos como pequenas exposições, que são chamadas assim por serem projetos de extensão de professoras distintas da Faculdade de Medicina. O primeiro módulo, o projeto de extensão da professora Ana Lúcia Carneiro Sarmiento, tem por objetivo a interação do MAH com a sociedade é executada desde 2013 no museu. O segundo módulo, “Educação em Saúde e Cidadania” é executado desde 2013 e também é um projeto de extensão e assim como o museu virtual, que nesse caso está como uma complementação da exposição “Corpos tetralógicos, corpos biológicos e monstros”.

No site da FM<sup>36</sup>, na parte de Morfologia, o museu virtual encontra-se com fotos de algumas peças do acervo separadas por categorias, tanto o segundo módulo quanto o museu virtual são de responsabilidade da professora Jussara Rocha Ferreira, que hoje é coordenadora do MAH.

O acervo exposto está em vitrines de vidro e encontra-se com uma aparência um tanto quanto envelhecida, ao questionar sobre a conservação das mesmas foi respondido que os técnicos do Laboratório de Restauro e Laboratório de Técnicas Anatômicas são responsáveis pela conservação das peças por se tratar de algo muito específico. Por ter diversas peças do mesmo modelo, elas são trocadas depois de algum tempo expostas. A expografia encontra-se de fácil entendimento para uma visita não guiada deixando-a um tanto quanto confusa ao nos deparamos com o conteúdo das vitrines onde se explicam os materiais de laboratório no meio de peças anatômicas e modelos.

O objetivo do Museu de Anatomia Humana vem a ser a divulgação da cultura a respeito dos saberes do corpo humano, ou seja, promover a saúde aos seus visitantes. Segundo Köptcker (2014) museus científicos e de saúde no Brasil oferecem recursos variados para a promoção da saúde através da comunicação para gerar mudanças de atitudes, novos comportamentos e escolhas saudáveis aos indivíduos, preservar a memória da saúde e medicina contextualizadas aos profissionais da área, exposições e ações educativas e também a inclusão social

---

<sup>36</sup> Site Faculdade de Medicina. Disponível em: <<http://www.fm.unb.br/morfologia/2014-10-07-15-21-10/museu-virtual>>. Acesso em: 2 jul. 2015.



promovendo acessibilidade e cidadania transformando o museu em ferramenta terapêutica para a saúde emocional.

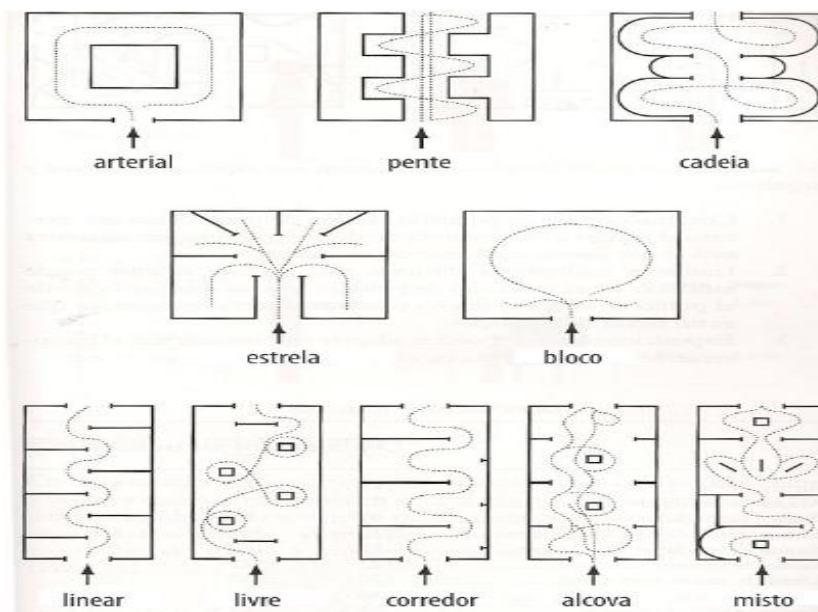
O MAH faz divulgação sobre saúde bucal, cidadania e interação do museu com a sociedade através dos módulos de Projetos e Programas de Extensão de Ação Contínua – PEAC. Pode-se observar que toda a exposição do museu gera ao visitante uma análise crítica através da mediação, pois as estagiárias abordam assuntos relacionados ao fumo e o abuso de álcool usando como exemplos as peças expostas e tirando dúvidas quando surgem. Por ter uma área muito pequena para circulação a primeira sala expositiva não gera muitas alternativas de circulação a não ser a fechada seguindo os módulos direita, centro, esquerda, se pensarmos nas duas salas expositivas podemos criar uma circulação aberta ao encaminhar os visitantes primeiro a exposição Corpos e depois a exposição de longa duração.

A exposição do MAH é uma síntese da anatomia humana e as suas exposições também podem ser classificadas como módulos mesmo sendo projetos independentes. As vitrines no meio da sala expositiva dificulta a circulação do visitante pelo espaço e por receberem visitas de muitos estudantes o risco de baterem com suas mochilas nas vitrines é alto. O aspecto envelhecido das peças gera certo incomodo mas segundo a responsável é o resultado das conservação das peças. O espaço para exposições temáticas poderia ser designado à exposição de longa duração e o museu virtual não é necessária sua exibição tomando conta de um espaço expositivo tão grande, sua divulgação poderia ser feita na fala dos mediadores ou através de folders. Tendo esse espaço a mais facilitaria a circulação na exposição e poder-se-ia aumentar a diversidade de peças e temas dos módulos. A mediação feita por estagiários dos cursos das Faculdades de Medicina e Saúde, foca na explicação das peças e nos temas de cada módulo, os mediadores tiram duvidas e interagem bastante com os visitantes o que torna a visita dinâmica.



## Análise do MGeo e MAH

Concluimos sobre as exposições do MGeo e MAH que a presença da Museologia nessas instituições seria de grande valor, em especial para expografia das exposições. Primeiro, aplicar uma expografia de forma mais coesa, principalmente no Museu de Anatomia podendo usar o método dos circuitos aberto, fechado e sugerido como também aplicar o *wayfinding*<sup>37</sup> para mais possibilidades de circuito e de disposição das vitrines.



**Figura 12** - Exemplos de wayfinding, Adaptado de Cossio (2011).  
Fonte: Cossio (2011).

O uso da cenografia em exposições deve ser cuidadoso, pois ela pode vir a chamar mais a atenção para si do que os objetos e o próprio discurso da exposição. O que não é o caso do MGeo, apesar de causar surpresa a quem entra pela primeira vez no espaço expositivo, por ele ser bastante amplo a caverna construída para abrigar exposição de Espeleologia acaba por se fundir ao espaço, o problema em relação a caverna é o fim abrupto do cenário que acaba por incomodar já que o que seria sua continuação a exposição de Paleontologia está distante demais e há um cavalete da histórico do museu no caminho o que faz o visitante perder totalmente a linha de raciocínio com o tema da geociência.

Sobre o Museu de Geociências e o Museu de Anatomia Humana serem definidos como museus universitários, ao analisarmos de acordo com as

<sup>37</sup> COSSIO, 2011, p. 89. Termo referente à orientação espacial.

definições de museus universitários “por estar parcial ou totalmente sob a responsabilidade de uma universidade – salvaguarda do acervo, recursos humanos e espaço físico”, acreditamos que sim. Analisando individualmente cada instituição vemos diferenças de como cada enxerga e lida com a Museologia.

Começando com o Museu de Geociências, enquanto uma instituição museológica faz pesquisas com seu acervo, divulga-o através de exposições tanto em seu local próprio como em feiras e semanas de ciências e museus para a comunidade externa e interna da universidade, preserva e conserva seu acervo. Apesar de não ter aparatos interativos em sua exposição, como a maioria do público espera de um museu de ciências. Atualmente um museu de ciência adequa-se ao que é vivenciado desde os anos 1970 pelos museus de ciência e tecnologia onde há uma proposta de divulgação científica e educativa através da interação com o público, como é o caso da Experimentoteca. A terceira geração de museus de ciência tem a partir da interação do público com os objetos a compreensão e a divulgação do conhecimento científico:

As tendências da educação em ciências e das propostas pedagógicas presentes nos museus enfatizam o papel da ação do sujeito na aprendizagem. Com isso, os aparatos interativos apresentam diferentes possibilidades de interação. Além dos aparatos com resposta única, são utilizados em menor proporção aparatos com resposta aberta, que varia de acordo com a escolha feita pelos visitantes, que podem agir com liberdade e mais controle sobre o fenômeno proposto. (CAZELLI, et al. 1999, p. 7).

O MGeo usa de meios como a cenografia, vitrines, iluminação para a interação com o público. E como uma instituição museológica conta com reserva técnica, prática educativa, que precisa ser melhorada e adaptada, e comunicação museológica. Busca um diálogo com a Museologia e recentemente contratou estagiários da área para se juntar a equipe tornando o trabalho no museu mais interdisciplinar.

Já o MAH tem uma relação um tanto quanto difícil com a museologia, não com a museologia em si mas com a figura do museólogo que para a coordenadora é uma figura substituível. Um museólogo no MAH poderia melhorar a exposição

em termos de expografia, auxiliar na montagem de futuras exposições e também na catalogação do acervo.

A conservação do acervo de um museu de anatomia não tem como ser feita por um museólogo já que é algo bastante específico aos técnicos de anatomia, mas nós poderíamos aprender a identificar fatores que causam algum prejuízo ao acervo durante a exposição e avisá-los. Isso nos mostra como o trabalho de um museu é interdisciplinar

Durante a pesquisa coordenação do museu foi enfática ao dizer que poderia ter a ajuda de um museólogo para a catalogação atrasada dos documentos do MAH. O museu conta com reserva técnica, divulgação científica, prática educativa, espaço expositivo, frequência a feiras e semanas de museu e ciência conta também com pesquisa, e a inserção com a comunidade acadêmica vem a ser mais com os alunos das Faculdades de Medicina e Saúde.

## **Considerações Finais**

Depois de feitas as análises, podemos observar que a Universidade de Brasília conta com museus universitários. Seus museus fazem parte da extensão de suas faculdades e institutos. Vimos também que contam com parceiros externos para a realização de exposições (MAH e a exposição temática dos corpos) e seus recursos são em sua maioria oriundos de repasses feitos aos museus e também de projetos de extensão dos professores responsáveis pelos museus.

O MGeo e o MAH após analisados podem ser ditos como museus universitários pois apresentam os critérios que o ICOM, IBRAM e UMAC verificam como características de um museu universitário, apesar de existirem problemas pontuais a serem corrigidos.

A extensão é importante às universidades, pois através dela pode-se divulgar a ciência e criar vínculos com as comunidades internas e externas à universidade. Com a extensão os museus ganham espaços para terem suas pesquisas e exposições constituídas e talvez com o tempo tornar os museus autônomos de seus institutos. Museus e universidades são instituições complementares, um necessita do outra para existirem, isso podemos perceber desde suas origens na Alexandria e depois nos séculos XVIII e XIX.

Os museus no Brasil originalmente foram às instituições responsáveis pelo fazer da ciência e sua divulgação, mas com o passar dos anos e das descobertas e especializações de cada área científica o fazer da ciência saiu dos museus para laboratórios e centros de pesquisa, isso não tornou os museus menos importantes, pois os laboratórios e centros de pesquisas dependem dos museus para a divulgação de suas descobertas e da aproximação com a sociedade que é a que vai usufruir dos resultados. Assim, a pesquisa, ensino e extensão se justificam ao olharmos por este viés.

Museus universitários são necessários nas universidades para além da divulgação científica e comunicação com a sociedade eles preservam o patrimônio das universidades.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e coleções universitários: por que museus de arte na Universidade de São Paulo?** 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e Documentação)–Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ALVARES, Lillian Maria Araújo de Rezende. **Graduação em Museologia: significados, opções e perspectivas.** In: Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 1, n. 1, p.236-250, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – citações em documentos – apresentação:** NBR 10520. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – numeração progressiva das seções de um documento escrito – apresentação:** NBR 6024. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação – referências – elaboração:** NBR 6023. Rio de Janeiro, 2002.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. **O Museu do sagrado ao segredo.** Rio de Janeiro: Revan, 2009. 196 p.

CAZELLI, S.; QUEIROZ, G.; ALVES, F.; FALCÃO, D.; VALENTE, M. E.; GOUVÊA, G.; COLINVAUX, D. **Tendências pedagógicas das exposições de um museu de ciência.**In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, II, 1999, Valinhos. Atas... Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

CHAGAS, Mário de Souza; ALVARES, Lillian; ALMEIDA, Cicero Antonio F. (Org.). **Museologia em ação: homenagem à Lygia Martins Costa.** Brasília : IBRAM, 2010. 105 p.

CHELINI, Maria-Júlia Estefânia; LOPES, Sônia Godoy Bueno de Carvalho. **Exposições em museus de ciências: reflexões e critérios para análise.** Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 16, n. 2, p. 205-238, 2008.

COSSIO, Gustavo. **Design de Exposição de Design - três estudos sobre critérios projetuais para comunicação com o público.** Dissertação. Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Design, Porto AlegreRS, 2011.

CURY, Marília Xavier. **Exposição:** concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006. 160 p.

CURY, Marília Xavier. **A importância das coisas:** Museologia e museus no mundo contemporâneo. In: Um século de conhecimento. 2011

FACULDADE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO Disponível em:  
<<http://www.museologia.fci.unb.br/index.php/curso/historico-do-curso.html> >  
Acesso em: maio 2015.

FAGUNDES, Ligia K.;ARISTIMUNHA, Claudia P. **Museu da UFRGS, Trajetória e Identidade de um Museu Universitário.** Patrimônio e Memória, v. 6, n. 2, p. 47-65, 2010.

GIL, F. B. **Museus universitários: sua especialidade no âmbito da museologia.** In: SEMEDO, A.; SILVA, A. C. F. da.Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários:homenagem a Fernando Bragança Gil. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta C. **O Patrimônio Científico do Brasil e de Portugal: uma Introdução.** (In)Coleções científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto. Rio de Janeiro: MAST,p.7-10, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Guia dos Museus Brasileiros.**Brasília, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM).**Museus em Números.** Brasília, vol. 1 e 2, 2011.

JULIÃO, L.. **Apontamentos sobre a história do museu.** Caderno de Diretrizes Museológicas.Brasília, IPHAN, 2002.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlvida. **Museus Científicos e sua relação com a saúde.** Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 3, n. 5, p. 141-157, 2014.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica:** os museus e as ciências naturais no século XIX . 2. ed. São Paulo: Hucitec: Editora Universidade de Brasília, 2009. 369 p.

LOURENÇO M. C. **O Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: patrimônio, coleções e pesquisa.**In: Coleções científicas de instituições luso-brasileiras: Patrimônio a ser descoberto. MAST/MCT, Rio de Janeiro, pg. 255-274, 2010.

LOURENÇO. M. C.**Museus de Ciência e Técnica: Que Objectos?** Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2000.

LOURENÇO, M. C.. **Musées et collections des universités: Les origines.** La Revue [Musées et Art et Métiers], n.41, p.51-61, 2004.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. **Divulgação científica em museus: as coleções e seu papel na linguagem expográfica.** Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Universidade do Porto, v. 2, p. 207-215, 2009.

MARQUES, Roberta Smania; DA SILVA, Rejâne Maria Lira. **O Reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA.** Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio–PPG-PMUS Unirio| MAST-vol, v. 4, n. 1-2011, p. 63, 2011.

MARANDINO, M. **Museus de Ciências como Espaços de Educação** In: Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p. 165-176. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/63/68>> Acesso em: jun 2015

MARTINS, Ubirajara R. **Museus universitários.** Revista Brasileira de Zoologia, v.5,n.4,p.623-627,1988. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81751988000400013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81751988000400013&script=sci_arttext)> Acesso em: maio 2015

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS Disponível em :<<http://www.mast.br/instituicao.html>> Acesso em maio 2015.

MUSEU UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/museu/acervo/sobre> > Acesso maio 2015.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Museus em Universidades Públicas:** entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 2, n. 4, p. 88-102, 2013.

RICO, Juan Carlos. **Manual práctico de museología, museografía y Técnicas expositivas.** Editora Sílex, Madri, 2006.

SATURNINO, Douglas. **Comunicação visual e expografia:** um estudo de caso na exposição Audiophylia. Bahia, p.98, 2014. Disponível em: <<http://www1.ufrb.edu.br/artesvisuais/images/tccs2013/douglassaturninomonografia.pdf>> Acesso em jun. 2015

SCHWARCZ, Lilia K. **A era dos museus de etnografia no Brasil:** o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna.* Belo Horizonte: Argumentum, p. 113-136, 2005.

SEMEDO, Alice. **Que museus universitários de ciências físicas e tecnológicas?** (In) Armando Coelho Ferreira da Silva e Alice Semedo (coord.) *Museus Universitários com Coleções de Ciências Exactas – Homenagem ao Professor Doutor Bragança Gil, Secção de Museologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património, FLUP: Porto*, p.266-281. 2005.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, **Manual do Curso de Museologia**, 2010. Disponível em: < <http://www.youblisher.com/p/255955-MANUAL-MUSEOLOGIA/>> Acesso em jun. 2015.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI, M. Lucia and DIAS, Monique. **Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências.** *Cienc. Cult.*, vol.57, n.4, pg. 21-23, 2005. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252005000400014&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252005000400014&script=sci_arttext)> Acesso em: jun. 2015.



## ANEXOS

**ANEXO A** – Questionário retirado da tese de doutorado de ALMEIDA, Adriana Mortara. *Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?*, São Paulo, 2001.

### LEVANTAMENTO DE DADOS SOBRE OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Este questionário tem por finalidade coletar dados para a minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Museologia da Universidade de Brasília sobre Museus Universitários.

O preenchimento deste questionário auxiliará no estudo e diagnóstico das condições dos museus da Universidade de Brasília.

Obrigada, Amália Chaves Palomino.

Caracterização

1. Designação oficial:

2. Endereço:

3. Ano de fundação:

4. Instituição mantenedora:

5. Unidade da universidade a qual pertence:

6. O museu tem regimento? Data:

7. Breve histórico do museu:

8. Objetivos institucionais:

9. Qual a área cultural/científica abrangida pelo museu?

10. Qual a relação do museu com os departamentos afins?

Recursos Humanos

11. Responsável pelo museu:

12. Qual é a estrutura científica? Como é o organograma do museu?

13. Há funcionários contratados exclusivamente para atender ao público? Quantos? Em que funções?

14. Número de funcionários: pessoal técnico / científico:

    pessoal administrativo:

    outros:

    Total:

15. São utilizados serviços de terceiros (contratos com profissionais de fora do quadro da universidade)? Quais?

16. O museu tem estagiário? Em que áreas? Quantos? Observações:

#### Recursos Financeiros

17. O museu tem verbas próprias anuais?

18. Qual a procedência das verbas?

19. Como são constituídas as coleções? (através de aquisições, doações, etc.)

## Instalações

20. As instalações são próprias? ( ) cedidas ( ) alugadas ( ) em construção ( )
21. Quais são suas principais características?
22. Como está distribuído o espaço entre recepção, área científica, área administrativa, área de exposições, reserva, biblioteca, auditórios, etc.? (se possível anexar planta)
23. Há instalações / salas exclusivas para atendimento do público? Com que tipo de equipamento?  
Acervo
24. Qual é a natureza das coleções e quantidade?
25. Há profissionais de documentação? Quantos?
26. Há profissionais de conservação / restauração? Quantos?
27. Há algum setor técnico específico para este tipo de museu? Qual?
28. A coleção está catalogada / documentada?
29. As coleções estão sendo pesquisadas? Sim ( ) Não( )

Por pesquisadores do museu ( )

da unidade ( ) de outras unidades da universidade ( ) de fora da universidade ( )

30. Quais os temas de pesquisa?

## Atividades públicas

31. Qual é o horário de trabalho?
32. Qual o horário de visitas para o público?
33. Há biblioteca no museu? Qual a área de especialização e o número de volumes da biblioteca?)
34. Quais as publicações e edições do museu?
35. Há exposição permanente / longa duração? Temática:
36. Organizam-se exposições temporárias? Qual o tema e duração das duas últimas?
37. Oferece programas para o público escolar? Quais?
38. Oferece cursos de extensão, graduação, outros?
39. Quais os outros programas oferecidos ao público?
40. Quais os tipos de público que frequentam o museu? (estudantes de 1º e 2º graus, professores, universitários, turistas....)
41. Qual a frequência aproximada de visitantes (anual)? Observações:

Local: Data:

Nome e cargo do respondente:

Muito obrigada!

Favor enviar para o email:ac.palomino@gmail.com

ANEXO B - Projeto do Curso Básico para Pessoal Científico em Museus de História e Artes por Lygia Martins Costa. *Museologia e Ação: Homenagem à Lygia Martins Costa* (2010, p. 84 - 89).

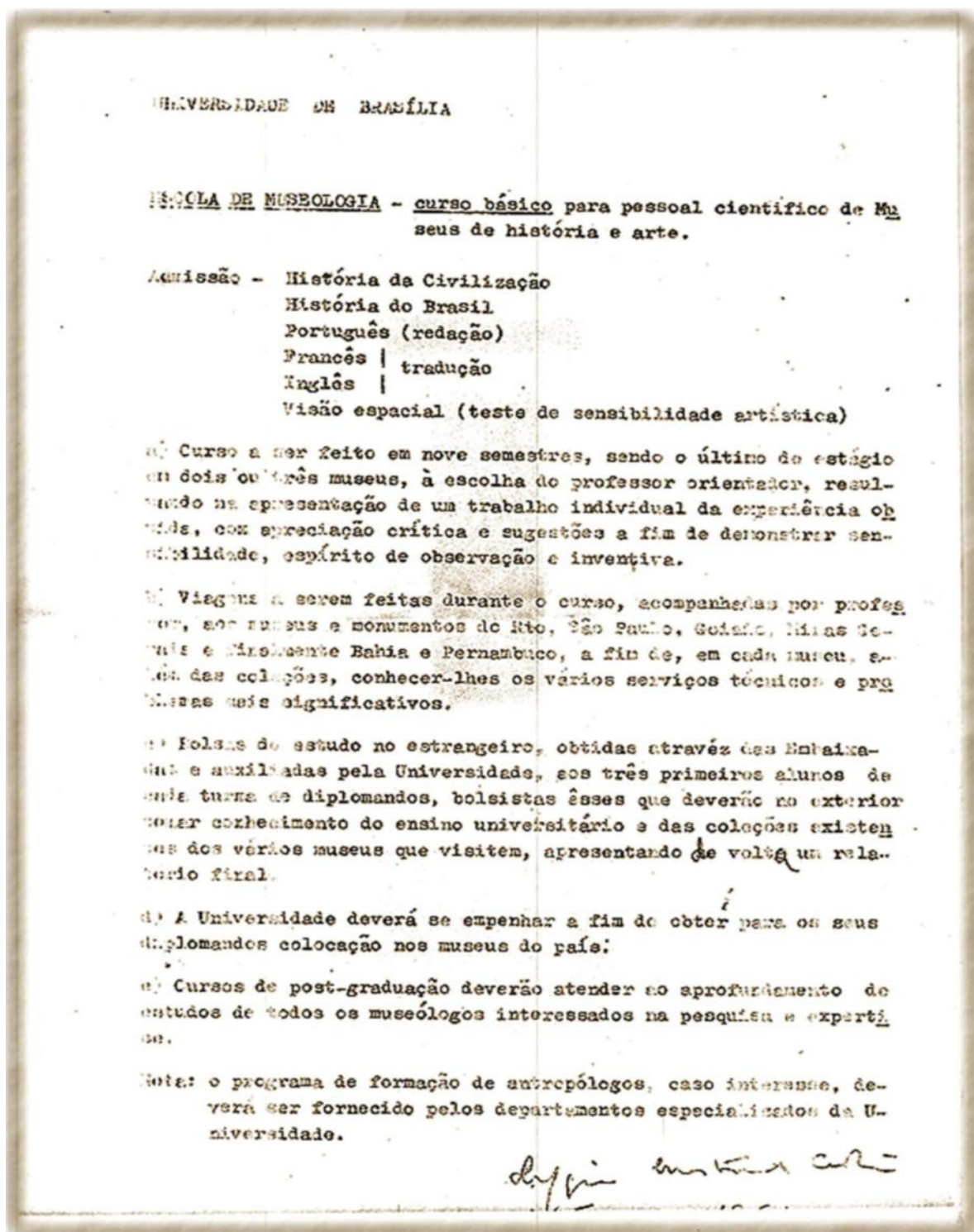


Figura 1 *Museologia e Ação: Homenagem à Lygia Martins Costa*, 2010, p.84

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Programa

1º semestre - História da Civilização  
 Antropologia cultural e Arqueologia Brasileira  
 Metodologia de pesquisa histórica  
 Introdução às Artes Plásticas (apre- } novo  
 ciação da obra de arte -- significa- sement  
 do da arte; diversidade de aspecto;  
 unidade; harmonia e equilíbrio; for-  
 mas estáticas e dinâmicas; conteúdo  
 e forma: o formal e o informal, etc.

Plástica I - Desenho ao natural; modelagem; maté-  
 rias e cores; técnicas de pintura.

2º semestre - Intr. à Hist. Social da Arte (visão  
 panorâmica)  
 Grandes movimentos filosóficos (vi-  
 são panorâmica)  
 Grandes movimentos literários (vi-  
 são panorâmica)

Plástica II - Técnicas de gravura; estudo e com-  
 posição de letras, layout; fotografia.

3º semestre - História da Arte I (Preocupação, An-  
 tiquidade e Idade Média)  
 História da Arte II (Arte e Artesana-  
 to oriental e muçulmano)

Estudo português (História e Letras)

Plástica III - Organização dos espaços (elementos  
 de desenho projetivo e da perspectiva;  
 plantas baixas e alçados. Trabalhos  
 práticos de arranjos de vitrines e  
 cantos de sala.

Visita aos Museus do Rio.

4º semestre - História de Arte III - Renascimento,  
 Barroco e Rococó.

Arte e Artesanato em Portugal  
 Heráldica e Condecorações  
 Elementos de Paleografia e Epigrafia  
 Armeria

Técnica do Museu I - Museu; modali-  
 dades, finalidades e funções. Antece-  
 dentes históricos.

Apresentação: relacionamento de salas,  
 vitrines e etiquetas com os objetos

Figura 2 Museologia e Ação: Homenagem à Lygia Martins Costa, 2010, p.85

- expostos; problemas das vitrines;  
valorização de peças; problemas de  
circulação e de iluminação, etc.
- Visita aos museus de S. Paulo - apresentação de relatório.
- 5º semestre - História da Arte IV (Do Neo-clássico  
Arte Contemporânea(s.XIX e XX)
- História da Música:  
História social e econômica do Brasil  
Arte e artesanato no Brasil I (sec.  
XVI, XVII e XVIII - Desenvolvimento  
material do país)
- Visita às cidades do ciclo do ouro (Goiás e M. Gerais) - apre-  
sentação de relatório.
- 6º semestre - Arte hispano-americana  
Artes no Brasil II (sec. XIX e XX)
- Literatura e Música no Brasil  
Indumentária, rendas, laques e mi-  
niaturas,  
Numismática geral
- 7º semestre - Cristais - Porcelana - Azulejos  
Ourivesaria luso-brasileira e ante-  
cedentes  
Mobiliário " " "  
Numismática brasileira
- Técnica de Museus II - Conservação e  
Restauração. Desinfecção, tratamento  
e climatização. Técnicas de restaura-  
ção para cada material (trabalho prá-  
tico no atelier). Organização de la-  
boratório mínimo de restauro.
- 8º semestre - Seminário (trat. de pesquisa de assun-  
to ligado a nosso acervo, sob orien-  
tação de professor.
- Estética  
Técnica de Museus III - Classifica-  
ção, inventário e ~~etiquetagem~~.  
Seleção e etiquetagem. Planejamento  
de serviços; organização de salas de  
estudo e de reserva; organização de  
biblioteca especializada e arquivos  
de consulta (fotográfico e documen-  
tal).
- Técnica de Museus IV - Divulgação -  
Serviços educativos de diferentes ti-  
pos (visitas guiadas em vários níveis,  
peça do mês, concursos, etc.); prográ-  
mas de filmes, palestras e cursos.  
Publicações (monografias, catálogos, etc.)  
Organização didática e exposições (tra-  
balhos práticos para equipes, com tema



3

Secunia de Museu dado.  
Organização e Instalação de Museus -  
principais problemas.

Bahia e  
Visita à ~~Secunia~~ de Pernambuco.

9º semestre - Trabalho pessoal, resultado estágio  
nos 2 ou 3 museus ligados à preferên-  
cia do diplomante e a conselho do  
professor orientador.

Os cursos de post-graduação deverão ser posteriormente desenvol-  
vidos.

GRUPO 1- ARTES

1.1.- ARTES PLÁSTICAS	DURAÇÃO	SEQUENCIA
1- Introdução às Artes Plásticas	1 semestre	1º
2- Plástica I	" "	1º
3- Plástica II	" "	2º
4- História da Arte I	" "	3º
5- História da Arte II	" "	3º
6- História da Arte III	" "	4º
7- Plástica III	" "	3º
8- Arte e Artesanato em Portugal	" "	4º
9- História da Arte IV	" "	5º
10- Arte e Artesanato no Brasil I	" "	5º
11- Arte Hispano-americana	" "	6º
12- Arte no Brasil II	" "	6º
13- Estética	" "	8º
14-   Grandes movimentos filosóficos	" "	2º
1.2.- MÚSICA		
1- História da Música	1/2 "	5º
2-  Literatura e  Música no Brasil	" "	6º
1.3.- LITERATURA		
1- Grandes Movimentos literários	" "	2º
2-   Estudos Portugêses. História   - - Letras	" "	3º
3- Literatura   e Música   no Brasil	" "	6º

GRUPO 2 - HISTÓRIA

	DURAÇÃO	SEQUENCIA
1- História da Civilização	1 semestre	1º
2- Metodologia da Pesquisa Histórica	" "	2º
3- Introdução à História Social da Arte	" "	2º
4- Estudos Portugêses. História   e Letras	" "	3º
5- Elementos Paleografia e Epigra- fia	" "	4º
6- História Social e Econômica do Brasil	" "	5º

Figura 6 Museologia e Ação: Homenagem à Lygia Martins Costa, 2010, p.88



- 2 -

GRUPO 3- MUSEOLOGIA

	DURAÇÃO	SEQUENCIA
1- Técnica de Museus I	1 semestre	4º
2- Heráldica e Condecorações	" "	4º
3- Armaria	" "	4º
4- Indumentária. Rendas, Leques e Miniaturas	" "	6º
5- Numismática Geral	" "	6º
6- Cristais, Porcelas, Azulejos	" "	7º
7- Ourivesaria Luso-Brasileira e antecedentes	" "	7º
8- Mobiliária Luso-brasileira e antecedentes	" "	7º
9- Numismática brasileira	" "	7º
10- Técnica de Museus II	" "	7º
11- Técnica de Museus III	" "	8º
12- Técnica de Museus IV	" "	8º

ANTROPOLOGIA CULTURAL e ARQUEOLOGIA BRASILEIRA -- Duração: 1 semestre

Prof. Castro Faria  
-Museu Nacional-

**ANEXO C** - Fotografias do Museu de Geociências da Universidade de Brasília. Acervo pessoal.



**Fotografia 1** - Módulo espeleologia



**Fotografia 2** - Módulo meteorito



**Fotografia 3** - Visão do módulo Gemas: do bruto ao belo



**Fotografia 4** - Visão dos módulos Paleontologia e Classificação dos Minerais

**ANEXO D** - Fotografias do Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília.  
Acervo pessoal.



**Fotografia 5** - Visão da sala expositiva



**Fotografia 6** - Visão do módulo MAH e a sociedade





Fotografia 7 - Visão do modulo educação e saúde



Fotografia8 - modulo exposição temática

